

DJES E DOUG



SUMÁRIO

SÍDERO.....	4
EGO EMI.....	33
ANOMÍA.....	55
KOIVÓ.....	87
GRAPHE.....	112
SPECULO.....	136

*“Doug!...Doug. DOUG!
Acorda! Estou prestes a realizar.”*

1 SÍDERO



Doug retornou da viagem apressado para relatar tudo o que havia visto.

“Lá está a cadeira!”

Ah, como amava voltar. Para ele, esse sempre foi o momento mais legal das viagens: o instante em que retornava e via mais uma vez aquela cadeira.

Uma cadeira com traços simples e muito bem resolvidos. Não se via nela desperdícios nem exageros. Feita de sândalo, só de olhar já sentia paz e verdadeiro descanso quando nela se assentava. Dela exalava um maravilhoso aroma da madeira cítrica e defumada, que relaxava até a alma mais abatida.

Assim que Doug se aproximou, Djes pediu que ele deixasse todas as suas coisas em cima da mesa que havia ali em frente, entre a cadeira e Djes. Doug descalçou os tênis, ainda cobertos pela serragem do Aeráki, tirou também a mochila, que já pesava nos ombros, e colocou tudo em cima da grande mesa esculpida do mesmo material da cadeira.

“Que sensação gostosa.”, disse logo que se sentou. Inclinando em direção à mochila sobre a mesa, tirou de dentro dela o seu livrinho, no qual escrevia todas as suas observações a respeito das viagens que fazia. Com o livro em mãos, abriu-o e, lendo tudo o que havia anotado, passou a relatar como foi sua viagem.

Doug costumava anotar as coisas em curtas frases. Quando vinha na mente alguma observação, logo registrava de forma literal os sentimentos e pensamentos que brotavam, adicionando, em seguida, uma palavra-chave que pudesse definir o cerne de cada anotação e organizá-las por blocos de assunto.

A viagem dessa vez havia sido para cidade de Sídero, antiga Xyléia. Quando mais novo, Doug costumava frequentar essa cidade com frequência, contudo, desta vez, já fazia anos que não a visitava mais.

Veza ou outra escutava os boatos de que as coisas em Xyléia haviam mudado bastante. Inclusive, a última grande notícia da qual se lembrava era que o nome da cidade havia sido alterado.

De fato, muita coisa mudou. Para ele, a sensação nessa visita a Sídero foi de que estava visitando a cidade pela primeira vez. Nem o antigo odor amadeirado que pairava no ar e trazia nostalgia era mais perceptível.

“Até o olfato deles enferrujou.”, estava escrito em uma das notas.

Sempre que Doug era enviado para uma viagem, ao chegar no local, sua primeira tarefa era encontrar o banquinho. Costumava ser fácil, as

idades que visitava eram sempre bem sinalizadas, mas dessa vez foi diferente.

No passado, quando ainda possuía o nome Xyléia, as descrições feitas a respeito da cidade eram bem diferentes. Agora, em Sídero, as portas, as janelas, os postes, os prédios, a comida, as ruas... tudo estava visivelmente desproporcional aos olhos dos que a conheceram há mais tempo.

“As ruas eram exageradamente largas. Os prédios, exageradamente altos”, começou a descrever a viagem. “Para conseguir enxergar o topo dos prédios, era necessário inclinar a cabeça completamente para trás, e ajudar ainda um pouco com a coluna, até que os olhos pudessem ficar perpendiculares em relação ao chão.”

Sim, realmente, outra cidade. Completamente distinta daquela que, até então, permanecia na memória de Doug. Porém, não foi a estrutura completamente alterada que mais lhe havia chamado a atenção. Não demorou para Doug notar que, para os moradores mais recentes de Sídero, a percepção de mudança e as dimensões descomedidas não eram atinadas, a tal ponto que até esses pareciam ter partes dos seus corpos deformados.

“A cidade é um exagero, mas, ainda assim, mais ruas seguem sendo feitas e prédios seguem

sendo construídos. Notei ainda que todos os que moram lá possuem ao menos uma parte do corpo dilatada. Como se estivessem prestes a explodir se esbarrassem em qualquer cantinho pontiagudo.”

Doug, que cresceu vendo a cidade moldando as pessoas, ficou embabacado ao observar que as pessoas estavam moldando a cidade. Isso o deixou muito confuso.

Enfim, após o impacto inicial, voltou a si e passou a focar sua energia em encontrar o banquinho. Era de costume encontrar o banquinho no meio da praça central, geralmente embaixo da grande árvore. Como o local de chegada a Sidero seguia sendo no mesmo endereço da antiga Xyléia, a margem da cidade, Doug sabia que dessa vez a caminhada certamente seria mais longa do que era de costume.

O tempo já estava adiantado. Entre o primeiro impacto da chegada e a caminhada em direção ao centro, um par de horas havia se passado e logo mais o sol iria se pôr. Com receio de se perder, ainda mais agora que já estava quase anoitecendo, decidiu procurar um local para dormir. Seguiria então procurando o banquinho na manhã seguinte.

Passaram-se alguns minutos, e Doug avistou um anúncio de hospedaria que dizia: “*Hotel Naós a*

600m”. Feliz, pois isso dava um pouco mais de meia quadra, ele finalmente estava chegando em algum local para descansar.

Sem titubear, apressou o passo, pois além do horário avançado, o sono já estava batendo.

“Bem-vindo à Naós!”, cumprimentou o recepcionista assim que desligou o telefone.

“Ah, muito obrigado. Eu gostaria de um quarto simples. Apenas para poder tomar um banho e descansar essa noite.”

“Ótimo. Vamos arrumar um quarto para você”, respondeu o funcionário.

“O senhor chegou hoje de viagem?”

“Sim, sim. Cheguei há poucas horas. Gastei um tempo observando as coisas e depois vim caminhando em direção ao centro.”

“Dá para notar que o senhor não é daqui.”

Doug estranhou o comentário, mas não respondeu.

“O povo aqui é muito receptivo. Certamente você terá uma boa experiência.”

“Ah, que bom. E aí, temos um quarto?”, interrompeu Doug.

O cansaço estava vencendo, não queria mais prolongar a conversa. A vontade de ir ao banheiro,

se aliviar e poder tomar um banho quente, eram grandes.

Logo após receber a chave do quarto, se apressou a subir.

“Meu chapéu! Até a privada é longe do chuveiro. Acho que dei uns 10 passos para atravessar o banheiro.”

Doug não cansava de se surpreender com os exageros nas medidas de todas as coisas.

Enfim, banho tomado, cachos enxugados, pijama vestido, era finalmente hora de dormir. Um último suspiro admirando a lâmpada no teto que mais parecia um balão de vidro, cerrou os olhos e dormiu.

Na manhã seguinte, levantou-se cedo para não perder tempo nem o café que estava incluso na estadia.

Uma água no rosto, antitranspirante no sovaço. Pegou na mochila seu jeans azul, uma camiseta branca sem estampa, uma cueca limpa e um par de meias novas. Sentado ao pé da cama, calçou seu tênis sujo e todo remendado. Seu favorito.

Vestido, pegou o pijama sobre a cama, colocando-o com as roupas sujas do dia anterior, guardou tudo na mochila e estava pronto para ir.

Uma última olhada no espelho, colocou os

seus óculos de grau e partiu para o refeitório. Saindo do quarto, estava no vigésimo terceiro andar e precisava descer até o térreo, onde estava localizada a copa. Fechando a porta do quarto a caminho do elevador, repetia para si que não deveria exagerar na comilança.

Doug, que amava comer, já acordou ansioso para ver o tamanho dos croissants de chocolate e a dimensão do copo de café que tomaria. Anseio que era dedurado pelo sorriso no rosto e pelos barulhos no estômago.

Enfim, o elevador chegou. Entrando apressado e conferindo que estava só, apertou uma vez o botão para o térreo e algumas vezes o botão para fechar a porta. Dando uns seis passos para trás, escurou-se no lado oposto do elevador e notou em suas costas as vibrações. Prestando atenção, ouvia ruídos estranhos enquanto descia. Como se o contrapeso do elevador estivesse frouxo nos trilhos, por conta de cabos com desgaste.

Esses detalhes haviam sido camuflados pelo sono da noite passada. Doug morria de medo de altura, se tivesse notado esses barulhos ontem, não teria entrado com tanta certeza e animação no elevador essa manhã. Contudo, não levou tão a sério esses pormenores, pois sabia que só passaria um dia

em Sídero. O que importava mais para ele agora era comer.

Chegando no hall, perguntou para a moça que trabalhava no primeiro turno se havia um local que pudesse deixar a mochila para tomar café da manhã sem que precisasse se preocupar. A moça, sorrindo, apontou na direção de um porta-objeto que havia logo na entrada da copa.

“Ah, perdão. Não notei que tinha um guarda volumes ali. Obrigado!”

Caminhando em direção ao tão desejado café, largou a mochila no armário n.º29. Então, finalmente era hora de comer.

Assim que entrou pela porta da copa teve um choque de realidade. A copa era enorme. Quando chegou, não havia mais de meia dúzia de hóspedes fazendo suas refeições, espalhados por um local que certamente caberia umas 300 pessoas sentadas com conforto. Mas o verdadeiro susto foi quando avistou a mesinha da comida.

Olhando com desgosto e desânimo na direção de uma pequena mesa de madeira posicionada no lado direito do refeitório, as expectativas criadas por Doug levaram um banho de água fria.

A mesa de canto, em si, era muito linda. Parecia ser de um colecionador de antiguidades. Dava

para ver que a mesa era de madeira de qualidade e que estava bem cuidada. Agora, no quesito tamanho, foi uma decepção. No máximo 60 cm x 35 cm, e a altura dava mais ou menos em seu umbigo. Não cabia praticamente nada sobre ela. Certamente, não seria suficiente só essa pequena mesa para servir o salão todo, caso estivesse lotado.

“Aí é sacanagem.”

Saindo de dentro da cozinha, um moço vinha caminhando em sua direção, segurando uma pilha de 28 pratos com a mão esquerda. Na mão direita, estava trazendo, ao mesmo tempo, um cesto de pães, um cesto com frutas, outro cesto com geleias e, ainda, uma jarra, que parecia conter café.

“Pfff. Pelo menos tem café”, murmurou.

“Bom dia. Tudo bem? Posso tirar uma dúvida?”, perguntou para o moço.

“Claro, senhor. O que gostaria?”

“Queria só perguntar onde está o restante da comida?”

O moço, confuso, respondeu: “Peço desculpas, senhor. Não compreendi a sua pergunta.”

“O restante do café da manhã vocês servem onde? Os bolos grandes, as tortas...”

O moço, claramente constrangido, passa os

olhos rapidamente de cima para baixo e logo nota que Doug não é da cidade. Sem saber muito bem o que responder, apenas disse para Doug que tudo o que eles serviam no café da manhã estava ali sobre a mesa. Mas, caso Doug fizesse alguma questão, poderia pedir para alguém buscar o que ele desejava na padaria, que ficava a algumas quadras do hotel.

“Não, não. Não é que estou reclamando. Peço desculpas se meu tom foi de reclamação. É que, na minha cabeça, esse café da manhã seria muito diferente. Mas está ótimo assim, não se preocupe comigo. Na verdade, tudo o que tem para servir aqui é o que gosto, só imaginei tudo realmente muito diferente.”

Claramente, Doug estava decepcionado e não tinha a menor habilidade de esconder seus sentimentos com um rosto impassível.

“Se me permite, por curiosidade, o que o senhor imaginou?”, perguntou o atendente.

“Na verdade, não sei descrever bem o que eu esperava”, respondendo com uma risadinha para disfarçar, não conseguiu evitar o constrangimento.

Alguns segundos de embaraçoso silêncio entre ele e o funcionário do hotel, este lhe faz uma última pergunta.

“Há mais alguma coisa que o senhor deseja?”

Vendo que Doug não tinha mais nenhuma observação, foi embora em direção à cozinha, segurando os lábios para não rir alto ali no salão, na frente do hóspede. Contudo, foi possível ouvir, lá de dentro da cozinha, o sarro tirado do forasteiro excêntrico, entre os colegas.

Desiludido o suficiente, Doug serve uma xícara de café, pega dois pães, três fatias de queijo e se acomoda em uma das dezenas de mesas desocupadas no imenso refeitório para finalmente tomar seu café da manhã.

O tempo passou rápido. Já era por volta das nove horas quando Doug dá o primeiro passo na calçada em frente a grande portaria do hotel.

Olhando rapidamente uma última vez para dentro do Naós, mentalmente dá uma nota cinco de dez para sua estadia, e, assim, recomeça a caminhada em busca do banquinho.

Decidiu que iria andar para a mesma direção que estava indo no dia anterior. Seguindo para a direita da entrada do hotel, por volta de uns 500m depois, Doug chega no fim da quadra, que termina perpendicular a uma rua maior, de mão única, com três faixas para carros.

A essas alturas já estava claro que tudo era distante. Por isso, Doug tirou alguns segundos para

pensar bem em qual direção iria seguir. Decidiu ir à contramão em relação aos carros, pois se estivesse errado, tentaria pedir carona para voltar.

Como sempre, Doug andava observando tudo o que podia ao redor. Sem sombra de dúvidas, depois do impacto inicial relacionado ao tamanho de todas as coisas, o que havia de mais esquisito na cidade eram as partes inchadas do corpo, que todos os moradores de Sídero tinham.

Não demorou para Doug associar as pessoas e suas respectivas partes túmidas às atribuições que, aparentemente, elas tinham.

Quando teve o estalo, Doug lembrou que o recepcionista que o recebera na noite anterior, tinha uma orelha gigante. Lembrou também do rapaz que abastecia a mesinha no café da manhã, que tinha a mão direita enorme. Observou esse padrão em todos. O dono da banquinha de jornal, que anunciava as últimas fofocas, tinha a boca avolumada. A moça da loja de tênis tinha os pés imensos, e assim tudo batia: a atividade exercida com a porção inchada do corpo.

Doug supôs consigo mesmo que, nessa lógica, provavelmente todos os moradores da cidade o viam como um desempregado ou, no mínimo, um preguiçoso.

Já era por volta das 10h30 da manhã. Doug caminhou umas 7 quadras até que notou alguns metros à frente, um poste de madeira largado no chão. Fora a mesinha no refeitório do hotel, até aquele momento, esse antigo poste de luz era a única coisa que havia visto na cidade que não fosse feita de ferro.

Se aproximando, foi fácil perceber que o poste não harmonizava em nada com a arquitetura no entorno. Para as proporções de Sídero, esse poste mais parecia um palito de dente jogado para fora da janela de algum carro que passou.

Doug se curvou um pouco e passou a palma da mão na fuligem que havia sobre a madeira e, voltando a ficar aprumado, sentiu a essência de sândalo.

“Eu sabia!”

Para quem conhece essa madeira, é simplesmente inconfundível o cheiro, a textura, os detalhes. Nada era como a madeira de sândalo.

Ainda compenetrado com aquele odor maravilhoso, Doug ouviu uma porta se abrindo atrás dele e, antes que pudesse se virar, ouve uma voz lhe dizendo “Que bom que você chegou! Venha, entre”.

Limpando na lateral da perna o restante do pó que estava em sua mão, Doug virou para ver quem

o estava convidando a entrar. Para sua surpresa, viu um velhinho gesticulando com os braços sorrindo de modo encantador, olhando em sua direção como se já o conhecesse há tempos. Ele repetia com voz firme e grave: “Venha, entre, entre.”

Há poucos segundos, Doug sequer havia notado aquela casinha de madeira pequena espremida entre os prédios enormes e, agora, de repente, se sentia ávido para aceitar o convite do velhinho.

“Com licença”, respondeu Doug, aceitando o convite do senhorzinho.

Goniakí. Esse era o nome entalhado na lâmina de madeira retangular de bordas vermelhas, pendurada no centro da porta de entrada. Por lógica, Doug associou que esse era o nome do local que estava prestes a conhecer.

Olhando de fora, aquela casinha destoava do restante da cidade por conta das suas proporções pequenas. Contudo, agora vendo-a por dentro, a história era completamente diferente.

Comprimida por aqueles dois prédios enormes, a comparação entre a casa e seus desproporcionais vizinhos manchava o julgamento do observador. Bastou um passo na casa para evidenciar que o preconceito, fruto da comparação, não fazia jus ao maravilhoso interior.

Tudo tinha exatamente o tamanho que deveria ter, estava exatamente onde deveria estar e servia exatamente para o que deveria servir.

Pela primeira vez nessa viagem, os olhos do Doug puderam descansar. Não enxergavam mais exageros. Até o odor era diferente.

“Pelo visto, meu nariz estava acostumado. Nessa cidade só se sente cheiro de metal no ar.”

Nisso tudo, Doug ainda estava parado ali na entrada da casinha, extasiado observando os detalhes no interior.

Tudo era realmente de tirar o fôlego. Dava para ver que cada móvel e cada objeto havia sido feito sob medida, certamente de modo artesanal. De forma especial, Doug se encantou muito com um relógio, que estava pendurado ao lado esquerdo da porta de entrada. Um lindo relógio de madeira lisa, com tons que alteravam conforme a luz refletia. Um corpo retangular com a parte superior esculpida de modo circular, na qual havia uma parte perfeitamente encaixada de cor bronze, onde estavam entalhados quatro números: 12, 3, 6 e 9.

Doug observou que o relógio continha somente um ponteiro que movia conforme os segundos. Sem pressa, sem atraso e de forma constante.

De fato, essa casinha com tantos detalhes

surpreenderia a qualquer um. Doug nem percebeu que, durante o tempo que passou voando na própria imaginação, o velhinho pode coar um café e ajeitar uma mesa com algumas bolachinhas em formato de borboletas, cobertas com açúcar de confeito.

O velhinho o convidou para sentar-se.

Quando se sentou, a sensação era como se a mesa e a cadeira também tivessem sido fabricadas sob medida.

“Que sensação gostosa.”

A sola do pé ficava perfeitamente descansada no chão de madeira. A parte de trás do joelho encaixava exatamente com o início do assento. O ângulo e a curvatura do encosto relaxavam e sustentavam bem a sua coluna.

Doug podia apoiar os braços sobre a mesa sem precisar enrijecer os ombros. O copo para servir café estava ao alcance, não sendo necessário esforço. A térmica também estava próxima, e não exigia grande movimento para servir. As bolachas estavam posicionadas bem no ponto médio, entre ele e o velhinho, que parecia estar sentado tão confortavelmente quanto ele.

Não dava mais para segurar. Aflito, as comportas da timidez estavam prestes a se romper e a

enxurrada de perguntas, que flutuavam entre o cérebro e a garganta de Doug, estava prestes a ganhar forma e som, quando, de repente, o velhinho interrompe o silêncio com uma pergunta.

“Pode um ferreiro trabalhar com madeira?”

A pergunta pegou Doug de surpresa. Como uma faca afiada, que separa a gordura da carne, separou seus pensamentos da sua voz, de tal modo que não conseguia mais lembrar do próprio raciocínio.

O turbilhão de indagações sumiu e foi substituído por um silêncio interno aterrorizante. Doug passou a se sentir fraquejado. Vazio. A única coisa que conseguia sentir era pequenas ondas de choque que irradiavam da sua lombar em direção aos seus pés.

Tentava pensar, mas não conseguia. Queria pedir ajuda, mas não podia se mover. Sentia vontade de gritar, mas a voz parava na garganta. Nenhum músculo lhe obedecia, até que o velhinho aproximou sua mão direita e a pôs sobre a mão de Doug, que estava congelada e estática sobre a mesa. No exato instante do toque, uma onda forte de calor e serenidade preencheram seu corpo. Como se um disjuntor tivesse sido religado e toda energia voltasse como um coice de vida.

Então, o velhinho repete: “Pode um ferreiro trabalhar com madeira?”

Dessa vez, Doug não se sentiu compelido a responder. Logo ele, que amava ter respostas para todas as questões, se fascinou com a estranha sensação de receber uma pergunta e ter a certeza de que não havia a necessidade de saber a resposta.

Então, o velhinho continuou: “Xyléia foi coberta pelo ferro que produzem. Contudo, ela está aqui do jeito que sempre foi e sempre será. Pode o ferro se curvar como a madeira? Pode a madeira enferrujar? Falam uma só língua, porém, não compreendem uns aos outros. O nome da cidade que construíram para si se tornou famoso, mas eles não se conhecem a si mesmos. Então, pode um ferreiro trabalhar com madeira?”

Doug não sabia se era a voz imponente do velhinho ou as palavras que ele proferia. Mas tudo o que havia observado em Sídero, até aquele momento, começou a fazer sentido no seu coração e em sua mente. As memórias começaram a ganhar forma e, à medida que o velhinho falava, Doug compreendia tudo o que tinha visto até chegar ali. Era como se, antes, tivesse um cílio preso nos olhos, entre a pálpebra e a córnea, irritando a sua carúncula, e as lágrimas produzidas estivessem ofuscando suas conclu-

sões sobre tudo o que enxergava.

Doug ouvia com atenção cada letra dita. Que coisa maravilhosa era estar ali com o velhinho.

Ao mesmo tempo que ouvia com atenção e zelo, Doug se empenhava na tentativa de formatar uma sinopse em sua mente a respeito de tudo o que estava acontecendo. Queria anotar o máximo que pudesse em seu caderninho.

Anotou sobre o inchaço nos corpos, que eram provenientes da ferrugem que causava alergia na pele daqueles que se esforçavam para ajudar como podiam no crescimento de Sídero. A desproporção de todas as coisas, fruto da insegurança e cegueira do povo que ali morava. A falta de detalhes contrastando com o excesso de preocupação relacionada a coisas que não tinham importância alguma...

Doug finalmente compreendeu porque já não era possível encontrar praticamente nada de madeira em Sídero.

Enquanto as coisas ficavam claras, pensava “como é possível!”, “como podem?”, “cegos!”. Até que, com o mesmo súbito da primeira pergunta, novamente o velhinho interrompe os pensamentos de Doug, dizendo “Vá! Vá agora. Vou te mostrar o princípio.”

Doug, que mal estava conseguindo assimilar

as coisas que já foram ditas, pego de surpresa, retrucou:

“Ir? Ir para onde?!”

“Você saberá”, disse o velhinho.

Doug detestava ficar sem respostas. A ansiedade novamente tomou conta. Ele, que naturalmente já questionava tudo, obviamente não conseguiu se segurar. Afinal de contas, há poucos instantes estava se deleitando com a conversa que trouxe luz a tantas indagações acumuladas em relação àquela cidade. Agora, sem mais nem menos, teria que sair dali, seguir viagem e tudo para que o mesmo velhinho, com quem já conversava, lhe explicasse algo?

Não, não. Se Doug não fosse jovem, corria o risco de infartar de aflição.

Como era esperado, questionou:

“Por que você não me explica o que devo ir ver agora que estamos aqui conversando? Não faz sentido algum eu sair, voltar para confusão dessa cidade só para compreender o que você pode me dizer desde já. Oras, me mostre tudo agora!”

No exato momento em que Doug terminou essa frase, o velhinho se levantou mansa e repentinamente da cadeira, e com excelsa voz ordena: “Vá!”

Imediatamente todos os objetos da casinha começaram a vibrar e pairar. O encosto da cadeira na

qual Doug estava sentado se desfez em pó de madeira. Como um aspirador, um vento começou a sugar seus ombros, que penderam para trás. Então, um forte turbilhão sugou-o, com mochila e tudo, para dentro do Aeráki.

Questão de segundos, Doug se viu parado em frente a uma porta alta, construída de madeira e metal. A porta era realmente enorme e visivelmente pesada.

Até aquele momento, todos os objetos que havia visto em Sídero eram 100% de madeira ou 100% de metal. Essa porta foi a primeira coisa que continha os dois materiais conjuntos.

Cheia de detalhes, a parte de madeira era tão bem entalhada que mais parecia um mockup de argila e esmalte. Tal ponto eram as minúcias que Doug precisou raspar a unha na porta, para tirar da mente que o que via não era feito de barro.

Dúvida devidamente sanada, ainda mirando a porta, Doug, por conta dos detalhes na madeira, atinou que dessa vez havia aterrissado direto no local que deveria estar, o que o deixou mais calmo, pois não seria necessário caminhar mais uma vez sem direção por aquela cidade esquisita.

Após ver a parte de madeira, deu um passo para trás e passou a observar as partes de metal.

Madeira e ferro sempre combinaram e formaram objetos maravilhosos, mas, nesse caso específico, o casamento dos dois elementos não causou boa impressão. Os detalhes de metal não seguiam o mesmo padrão dos lindos entalhes na madeira e, agora que estava observando com maior atenção, era possível notar que o metal empregava essa sensação ruim de peso e exagero à porta.

Curioso, Doug aproximou-se novamente, agora para sentir o metal. Contudo, antes que pudesse tocar o ferro com as mãos, a porta fez um estalo alto e começou a se abrir de dentro para fora, revelando vagarosamente o que havia do outro lado. Que surpresa foi quando a porta finalmente terminou de se abrir e estava ali, do lado esquerdo, encostado na parede, embaixo da enorme coluna arqueada, o banquinho.

Sentou-se.

Enfim, no banquinho, olhando para sua esquerda, observou o interior do que parecia uma antiga fábrica: um imenso galpão dividido em três partes retangulares semelhantes, posicionadas lado a lado, separadas por marcações coloridas pintadas no chão.

O primeiro retângulo continha a marcação vermelha e estava repleto de maquinários de mar-

cenaria entulhados e empoeirados. Contando por cima, dava para enxergar ao menos cerca de cinquenta tornos de madeira, umas vinte esquadrejadeiras e cinco enormes seccionadoras. Esse era o único retângulo desorganizado.

No segundo retângulo, de cor amarela, havia vários palanques muito bem-posicionados que preenchiam todo o espaço. Em cada um deles cabia exatamente uma pessoa. Junto a cada palanque havia um quadro UV, todos com o mesmo tamanho. Para cada quadro havia um apagador e três marcadores de cores diferentes: um laranja, um azul e um cinza.

No último retângulo que ficava ao lado direito do galpão, havia uma pilha de chapas grossas de metal, logo ao lado de seis rolos enormes de lâmina.

Ainda dentro desse retângulo, havia uma área com diversas máquinas de solda e corte a laser. Ao lado de cada máquina, havia uma bancada, e notou que, por cima de tudo isso, havia uma imensa grua que podia se mover pelos trilhos chumbados, em cima das arestas azuis desse retângulo.

Doug observou ainda que a parede da lateral direita, a dos fundos, o teto e o chão eram feitos exatamente do mesmo material da cidade, só que sem as proporções bizarras. Contudo, do lado esquerdo,

a parede, que estava mais próxima do maquinário de marcenaria, ainda era feita 100% de madeira.

Em seguida, notou que em cada uma das paredes laterais havia um relógio pendurado. O relógio pendurado na parede de madeira tinha um ponteiro e quatro números: 12, 3, 6 e 9. O relógio pendurado na parede de metal não tinha ponteiro algum e mostrava quatro números diferentes do outro: 1, 5, 7 e 11.

Em seguida, Doug escutou barulhos de engrenagens que vinham do relógio pendurado na parede de metal. Assim que esses barulhos cessaram, o número 1 ficou brilhoso. Então, nesse momento, muitas pessoas começaram a sair por uma porta que ficava junto à lateral direita do galpão. Cada uma dessas pessoas ocupou um local no retângulo de cor azul ou de cor amarela. Assim, cada bancada de trabalho no retângulo azul continha uma pessoa, e cada púlpito no retângulo amarelo também foi ocupado por uma pessoa.

Após mais um tempo, ouviu o que parecia ser uma sirene. Três sinais curtos foram tocados e, então, o primeiro grupo de pessoas, que estava no retângulo amarelo, começou a desenhar com o marcador cinza nos quadros UV.

A princípio, Doug ficou tentando compreen-

der o que esse pessoal estava desenhando. Nada fazia sentido. Olhou alguns desenhos separadamente e não estava conseguindo identificar o que eram aquelas pinturas. Até que, em um dos quadros, Doug conseguiu identificar que as linhas pintadas formavam o exato contorno do hotel em que havia ficado na noite anterior. Assim, atinou que, separadamente, os desenhos nos quadros não faziam muito sentido, mas, se olhasse todos os quadros juntos, do ângulo certo, era possível ver um mapa completo da cidade de Sídero.

Doug achou muito divertido ficar mexendo a cabeça de um lado para o outro até que, com o ângulo certo, o mapa tomasse forma. Então, agora que podia ver o mapa como um todo, notou que havia partes que estavam desenhadas com cores diferentes.

A maioria do mapa da cidade estava desenhado com o marcador cinza. Porém, do lado noroeste do mapa, um par de prédios mais próximos ao centro de Sídero estava desenhado na cor azul e, conforme Doug olhava em direção às margens da cidade, era possível enxergar algumas casas pintadas em laranja.

Observando mais um tempo o mapa como um todo, notou que havia um pedaço pintado com uma cor diferente. Marrom. Estava no quadro que ficava

exatamente no centro de todos os outros. Como se não fosse óbvio, logo notou que as linhas marrons formavam a perfeita silhueta da casinha do velhinho.

“Quem pintou esse pedaço se eles não possuem uma caneta nessa cor?”, pensou Doug.

Novamente, ouviu o barulho das engrenagens que vinham do relógio da parede de metal. Quando parou, o número 1 se apagou, e o 5 passou a ficar iluminado. Nesse momento, todos os que estavam aguardando estáticos dentro do retângulo azul começaram a ligar as máquinas, e o silêncio foi substituído pelo barulho do que parecia ser uma linha de produção.

Doug passou a observar as pessoas que estavam no terceiro retângulo. Uns usavam a grua para pegar as chapas que alimentavam as máquinas de corte a laser, que, por sua vez, cortavam as chapas em formas específicas, claramente seguindo um projeto. A seguir, as chapas cortadas eram encaminhadas para a área com as máquinas de solda, que uniam os pedaços. As partes já soldadas eram levadas e empilhadas em uma área de estoque.

Tudo seguia um processo que parecia muito bem definido. Cada etapa dependia da etapa anterior para que tudo funcionasse corretamente.

Então, Doug volta sua atenção para o pessoal que estava no retângulo amarelo. Todos, ao mesmo tempo, guardaram os marcadores, pegaram o apagador e começaram a apagar o que haviam acabado de desenhar.

Foi quando, pela terceira vez, ouve as engrenagens e a sirene. Agora, o número 7 estava aceso. Todos os que estavam no retângulo amarelo formaram uma fila e, do mesmo modo que chegaram, se retiraram.

Depois que todos os que estavam no retângulo do meio partiram, Doug voltou a observar o mapa de Sídero e notou que todos os contornos que haviam sido desenhados de amarelo e azul foram apagados, de tal modo que as linhas retas passaram a ser linhas pontilhadas. O restante que havia sido pintado na cor cinza e a casa do velhinho, que havia sido pintado na cor marrom, continuaram no quadro com linha contínua.

Por fim, uma quarta vez se escuta o som das engrenagens e o número 11 se acende. Todas as máquinas do retângulo azul são desligadas e, assim como aconteceu com os que estavam no retângulo amarelo, as pessoas do terceiro retângulo partiram pela mesma porta da qual vieram, deixando tudo extremamente limpo e organizado antes de partir.

Só o que estava diferente era a área de estoque que, antes vazia, agora estava cheia de partes de metal acabadas.

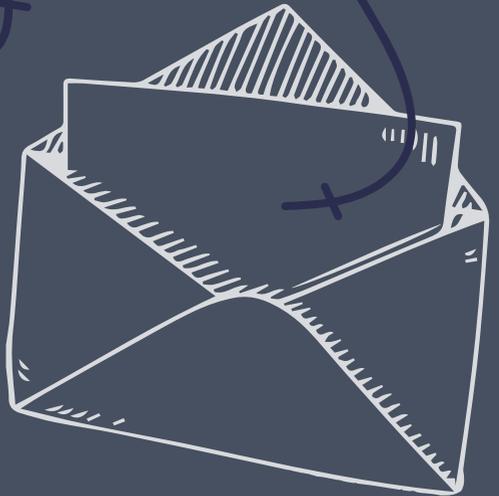
Sua atenção volta para o relógio na parede de madeira, segundos antes do ponteiro individual chegar no número 11.

“[...] e antes de chegar no 11, eu estava de volta. Mas eu queria ter ficado mais tempo lá, porque estou cheio de dúvidas. Quem são eles? O que farão com aquelas peças? O que o velhinho queria que eu visse? Quem vai...”

Nesse momento, Djes termina de limpar os tênis empoeirados que Doug usava na viagem e o interrompe dizendo:

“Tudo no seu tempo.”

EGO
EMI



“Entendi!”

Aquela pergunta ficou martelando a cabeça até que, em um momento, fez sentido.

“Pode um ferreiro trabalhar com madeira?”

“É óbvio que não! Cada material contém suas particularidades.”

Doug, em si, não era especialista em nenhum dos dois. Não era marceneiro, tampouco, ferreiro. Contudo, não era necessário ser uma autoridade para perceber que a cidade estava perdendo a personalidade da qual tinha tantas lembranças.

“Estão alterando todas as coisas. Não percebem que a própria identidade é irreconhecível.”

Em particular, irritou-se profundamente com as pessoas que trabalhavam do lado de dentro da grande porta. Eram essas as que estavam alterando toda a estrutura de Sídero. Por conta disso, propôs-se a escrever e enviar uma carta aos que vira trabalhando na antiga fábrica.

“É preciso avisar que parem urgentemente.”

Na cabeça dele, alguém precisava avisá-los para que cessassem todo o planejamento e a produção. Era primordial que encerrassem a fabricação daquelas partes de metal, antes que não restasse mais nada como outrora era. Assim o fez.

“A quem interessar, me permita explicar meus motivos para que parem a produção:

No período em que os observei, posso afirmar que todos vocês trabalhadores me pareceram muito bons no que se propuseram a fazer. A qualidade é realmente um motivo de aplauso. Certamente possuem talento. Contudo, vocês têm se especializado no material errado. O metal com o qual vocês têm se ocupado e o planejamento no qual vocês têm se firmado estão arruinando a antiga cidade.

Eu, que bem conhecia Xyléia, mal a reconheço mais. Os numerosos viajantes de outrora já não lhes visitam, e aqueles poucos que fazem de Sídero sua morada são afetados pelo poder do tempo, que tem corroído o que vocês tanto se esforçam para construir e manter.

Parem de produzir de imediato. Voltem a usar a matéria boa. Para que tanto vocês estão construindo? Não há ninguém novo vindo à cidade. A quem querem se mostrar? O que querem provar? O que estão tentando conquistar? Logo, os que vivem inchados descobrirão que são vocês os que os têm envenenado. Quanto é necessário para notarem que vocês são os culpados? Como

vocês podem não sentir a responsabilidade de estar destruindo tudo o que era belo?

Parem de trabalhar com metal. Voltem para a madeira! ...”

Doug começou manso, mas logo o caráter pessoal tomou conta.

Terminando-a, apressou-se no envio. “Ao grupo de líderes”, era o escrito do lado de fora do envelope bege, no qual guardou a sua carta de desabafo. Selando o envelope, deixou-o em cima da mesa de sândalo, junto à maravilhosa cadeira.

Tinha confiança de que Djes se encarregaria de entregá-la aos responsáveis. Doug estava profundamente irritado, não queria mais voltar à Sídero tão cedo.

— **Coitado. Não faz ideia.**

Era hora de nova viagem. Sempre ansioso, acordou cedo. Mal podia esperar para arrumar suas coisas e ir. Normalmente, ajeitava a sua mochila após conversar com Djes. Afinal de contas, era importante saber primeiro para onde iria para então se preparar. Desse modo, evitava encher a mochila com coisas desnecessárias. Contudo, dessa vez, ao chegar ao lado da cadeira, notou que sua mochila já estava sobre a mesa, junto ao seu tênis rasgado, ago-

ra perfeitamente limpo. Ainda próximo da mochila havia uma garrafa de vidro, fechada com uma tampa de pressão, que estava vazia.

Não entendeu, mas também não perguntou. Era hora de ir.

Logo que chegou ao destino, se encantou. Seus olhos não viam fim. Não havia céu, não havia montanhas. Não havia pessoas. Não se sentia o vento. Não se ouvia barulho. Não havia luz e não havia escuridão. Nada além da imensidão alva e de um pó pardo cobrindo toda a superfície.

Doug chegou em um imenso e eterno salão branco com o chão forrado de serragem. Olhando para seus pés, viu que, ao redor do local onde estava pisando, a poeira abria um contorno perfeito em volta do seu calçado. Não havia serragem encostando em seu tênis, que seguia limpo, mesmo depois de passar pelo Aeráki.

Curioso, lentamente ergueu seu pé direito na intenção de inspecionar a sola. Imediatamente, ao desencostar o pé do chão, a poeira ocupou o espaço antes vazio.

Surpreso e concentrado, se desequilibrou, topando dois passos desordenados adiante. Ao conseguir se firmar, observou novamente que a serragem mantinha distância ao redor dos seus pés. Notou,

ainda, que os passos tortos que acabara de dar não deixaram rastros.

“Uol! Maneiro.”

Saiu correndo sem direção, como se estivesse em uma competição. Seus pés versus a poeira. Quem conseguisse encostar primeiro no outro seria decretado vitorioso. Correu, pulou, circulou e nada do vencedor se apresentar. Por fim, declarou empate, voltando a observar o horizonte.

“E agora. Faço o quê?”

Lembrando que Djes havia preparado sua mochila, supôs que certamente algo dentro dela serviria de pista. Afrouxando a alça esquerda, deslizou-a para o braço direito e a colocou no chão. Não surpreso, ignorou o pó do chão, que nela também não encostava.

Abriu o zíper maior, esperançoso de encontrar algo que pudesse ajudar a descobrir o próximo passo ou, ao menos, apontar uma direção.

Tirando de dentro da mochila o que encontrava, espalhou tudo pelo chão: um kit de ferramentas, um martelo, uma serra, um frasco de cola, um pote, um saco de pregos, uma trena, um par de luvas, algumas lixas, um rolo grande de papel e um objeto retangular que continha 4 números alocados em sequência na horizontal: 1- 5 - 7 - 11.

Ainda não certo do que deveria fazer, Doug pega o rolo de papel. Retirando o elástico que o mantinha fechado, desenrolou-o no chão.

“Enfim, uma resposta.”

Doug se depara com várias folhas de papel pólen contendo desenhos de projetos de marcenaria. Assim, entendeu que tinha consigo o projeto e as ferramentas.

“É isso. Vou produzir todas aquelas partes de metal que estão erradas, porém, com o material correto.”

Doug ficou muito entusiasmado.

“Pelo visto, Djes leu a carta antes de entregá-la. Que moral! Vou construir uma nova cidade sozinho.”

Um momento depois, Doug escuta um barulho vindo do objeto de madeira retangular. Olhando-o, notou o número 1 aceso. Concluiu que era hora de começar.

Ajunta, cola, corta, cerra, prega...

De medida em medida, pedaço em pedaço, o pó do chão era insumo infinito para as partes que formavam as peças. O ambiente, antes formado de vazio e pó, começa a servir de estoque para dezenas e dezenas de partes acabadas.

Doug estava a todo vapor. Não suava, não se cansava. Não tinha fome. Trabalhava empolgadamente.

O estoque estava a perder de vista. Havia construído 6 corredores de prateleiras para armazenar as peças menores à medida que ficavam prontas.

Construiu pallets para depositar as peças maiores. Planejou, inclusive, um conjunto de part numbers: um sistema numérico simples, que continha 1 letra e 6 números sequenciais, a fim de organizar e identificar tudo, para quando fosse o momento de montar e finalizar o projeto.

Quatro anos e não se cansou.

Um momento depois, novamente se escuta o som que vinha do objeto retangular. Agora, o número 5 está aceso. Doug parou de produzir e passou a admirar tudo o que havia feito. Se orgulhou.

“Agora que produzi todas as partes para reconstruir a cidade, eles não precisam mais se preocupar. Não precisam mais trabalhar. Podem gastar energia com o que realmente importa.”

Era hora de guardar as ferramentas. Ajuntando suas coisas, alcançou a mochila e, quando a abriu para guardar tudo, surpreso, avistou um papel dobrado disposto bem no fundo.

“Como não te vi antes!?”.

O papel era pequeno. Feito do mesmo papel pólen dos rolos que continham o projeto. Desdobrando-o, viu a si desenhado com medidas que nem ele tinha conhecimento. Notou também uma curta descrição no lado inferior direito, que dizia:

Material (Ag).

“Ag? O que é Ag?”

Antes que pudesse prosseguir com suas usuais contestações, um estrondo disforme cerra repentinamente seus pensamentos. A pele, que antes nada sentia, gelou em toda sua superfície.

Tudo se apaga. Seus olhos não conseguiam ver fim. Não havia céu. Não havia chão. Não se sentia vento. Não se ouvia barulho.

Completa seria a escuridão, se não pelo número 5 aceso no objeto retangular. Absoluto seria o silêncio, se não pelo resquício do zunido em seus ouvidos, causado pelo forte estrondo.

Um momento passa e Doug passa a se perceber. Suas mãos começaram a arder em dor. Seus joelhos vibravam com ondas de choque que partiam dos pés e alcançavam o pescoço. A coluna, a ponto de romper. As juntas ardendo. A cabeça parece carregar o mundo. Sem enxergar nada, a vertigem toma conta. Já não sabe se está de pé ou esparramado ao chão. Quando o pensamento volta, assustado, quer

pedir ajuda. Contudo, não havia serventia em gritar.

Não havia a quem recorrer.

Um instante depois começou a enxergar pequenos pontos embaçados. Bem próximos. Não era como se avistasse luz. O sentimento era de que seus olhos estavam lentamente se acostumando à escuridão e, na medida em que a pupila se ajustava, a retina podia lentamente decifrar alguns contornos.

Não levou muito tempo para perceber que já não estava no mesmo local.

Agora um salão negro, repleto de painéis de vidro retangulares. Eram enormes. Doug tentou olhar para cima, à procura do fim, mas nada viu. Agachou para verificar com as mãos se no chão havia pó, mas sentiu apenas os dedos deslizando em um piso de vidro. Esticou a mão direita para frente e encontrou mais vidro. Contudo, ao procurar direção com a mão esquerda, percebeu um espaço vazio. Lentamente, foi adentrando o vão que encontrou. Três passos curtos e se deparou com mais vidro à frente. Então, outra vez com as mãos, procura cavao ao redor. Espantou-se ao notar que o espaço pelo qual acabara de passar havia se fechado.

“Estou completamente cercado.”

O coração ainda batia forte, contudo a dor se fez branda. A visão estava completamente acos-

tumada. Tudo era absolutamente escuro, mas, de algum modo, conseguia enxergar bem.

Um breve momento até que, com o canto dos olhos, à vista por meio do vidro que está à sua direita, um feixe fino de luz que vinha distante. Assim que se virou para ver melhor, o feixe fino começou a projetar imagens no painel. Não ouvia nada, apenas a imagem com a seguinte frase: עֲדֵי לְאֶשׁ רֵבֶגְ עִלָּה רִזָּא.

Mais um instante e o feixe de luz forma a imagem de uma criança. Pele parda, cheia de pontos manchados. Cachos ralos, como se lhes faltassem nutrientes. Encolhida sobre um colchão rasgado, que estava no chão, ao canto de uma casa feita de madeira e pregos enferrujados. Lágrimas secas nos assustados olhos de jabuticaba indicavam fome e medo, chancelados por um corpo esquelético, sem uma gordura para viver com o mínimo de dignidade. Os ossos finos e tortinhos mal davam conta de sustentar o corpo deitado.

A imagem acelera.

Doug percebe que a pele da criança começa a enrugar. Os lábios, que antes eram a única parte que continha um pouco de carne, começam a descorar. Rachaduras de sangue e pele tomam conta de toda boca. Aflita, a pequena criança se contorce sobre o colchão. Claramente desesperada, volta a atenção

em direção ao Doug, clamando por ajuda com os olhos, já que sua boca não conseguia pedir auxílio, pois estava colada com a mistura de sangue e casca.

Os olhos. O escuro jabuticaba evidenciava o último suspiro de uma alma em extrema dor. Doug sabia que esse olhar era o mais puro grito silencioso daquela criança, que já não tinha esperança. Aquele olhar penetrou sua alma e lhe tirou todo o senso. Doug começou a dar socos, chutes e joelhadas no imenso painel de vidro, a ponto de suas mãos começarem a sangrar. Mas todo aquele sangue escorrendo pelo vidro mal fez o painel vibrar.

Com o coração abarrotado de ódio e agonia, grita na esperança de que, de algum modo, aquela criança pudesse ouvi-lo e, assim, saber que alguém a estava tentando salvar. Que ao menos um se importava com ela.

“Porque destes luz a essa miserável criança!?! Morta ao menos ela teria conhecido consolo e paz. Que esse dia nunca mais seja contado entre os dias! Que justiça há aqui?”, passou a gritar com ódio.

Sem forças para continuar esmurrando o vidro, sua alma gela ao perceber que, durante o seu surto, a pobre criança finalmente havia se entregue. Sangue e lágrimas passaram a ser o único sinal de que outrora ali havia um ser.

Doug cai de joelhos e, assim que os dois punhos raivosos atingem o chão, o vidro pelo qual avistara as imagens se desfaz em poeira, que foi levada por uma pequena brisa, misturando-se com o escuro do ambiente.

O raciocínio volta: “Graças! Não era real.”

Um momento para se acalmar. Era tempo de seguir.

Um pouco indignado, solta uma risada encabulada por ter se deixado compenetrar tão profundamente com as imagens.

“Tenho que admitir, não foi algo legal de assistir.”

Enfim, levantou-se do chão e, com certo ímpeto, deu mais três passos para frente. A situação se repete.

“Ah! Não pode ser. Para que isso?”

Doug se encontrava preso novamente entre enormes painéis de vidro. O brilho vinha de longe em sua direção, dessa vez, pelo painel da esquerda. Não havia muito o que fazer. Virou-se com ressalvas. Desta vez, nenhuma frase.

O feixe de luz começou a projetar o que pareciam ser duas pessoas jovens. Ele, um rapaz de óculos, cabelos negros, aparência saudável. Ela, uma bela moça de pele branca e cabelos na cor de areia

molhada. Lindos olhos claros.

A imagem acelera.

O jovem garoto parecia se misturar com todos. Por onde ia, sorria e fazia sorrir. A bela moça era o oposto, por onde ia, não queria se misturar. Ele parecia muito seguro de si, ela corava as bochechas em cada uma das poucas interações que tinha.

Era visível que, com o falar, ele se livrara das responsabilidades, mas alegrava o ambiente por onde passava. Ela, por outro lado, calada, se empenhava com esmero em suas atividades, sem se deixar interromper ou coordenar, na esperança de revelar quem é, por meio do que faz.

Mais um momento, e o feixe de luz une os jovens.

“Ok, estou oficialmente curioso.”

Certamente a probabilidade de se unirem não jogava a favor.

Mais um tempo passa e, agora unidos, Doug observa que o rapaz já não sorria e não fazia sorrir. Nota também que a moça já não faz mais o que faz, com o esmero que fazia.

“É como se um tivesse corroído o melhor um do outro.”

Visivelmente o jovem garoto estava mal. O

corpo revelava a falta de saúde e a tristeza denunciava o desejo de morrer. Assim também a bela jovem, que tanto evitava interações, mudou o corpo e o olhar. Não queria mais os olhares em suas realizações, queria os para si.

— **Ambos queriam olhos para si.**

“Era óbvio que não daria certo.”

Mais um tempo passa.

Ele de preto, ela de branco. Completamente diferentes daqueles de outrora. Ele, que antes buscava valor em sorrisos falsos, e ela, que buscava valia em olhos maldosos, observando-se mutuamente, encontram no outro liberdade, leveza e cuidado.

Essa cena faz o coração do Doug esquentar. A garganta apertou. As sobrancelhas pesaram sobre seus olhos, que umedeceram. De algum modo, Doug sabia que esses jovens sofreram profundamente até chegar ali e passou a torcer por eles.

Repentinamente, uma sombra desce do alto como um raio e se põe entre os dois. No instante em que a sombra os separa, os dois caem ao chão. Do lado direito da sombra, a barriga do jovem rapaz começa a inchar, como se estivesse prestes a explodir. Caído no chão em dor agonizante, pessoas passavam pelo local e, vendo-o no chão, apontavam dois dedos da mão direita para os céus e com dois dedos da mão

esquerda apontavam em direção ao jovem encolhido.

Ao lado esquerdo da sombra, a moça chorava de braços abertos, como se estivesse chegado ao fim de uma vida em solidão. Mas não era choro de descanso. Nas lágrimas, a esperança afogada de ser amada e querida.

Os que passavam viravam o rosto e se afastavam sem sequer notá-la. Ela desejava apenas um longo abraço, mas ninguém parava para lhe ouvir ou consolar.

Por conta da sombra, um não conseguia enxergar o outro. Por não ver, cada um se sentiu abandonado justamente no momento em que mais precisavam do outro. Assim, começaram a xingar-se com palavrões e maldições.

Assistindo o casal se destruindo, ficou angustiado.

“Estão perdendo para uma mentira. Nenhum abandonou o outro. Mais uma história bizarra. Para que conceder luz aos que não tem futuro? Jamais iriam se encontrar. Para que, então, juntar os dois?”

Doug sabia. O que via não era real. Contudo, se assustou quando os dois, ainda sem poder ver um ao outro, ergueram os braços em sua direção e balbuciam em coro: “Me ajuda.”

Nada podia fazer.

Esse sentimento pesou profundamente. A sensação de impotência amargou seu espírito. Nesse instante, também esse vidro se desfez. Era hora de seguir.

Três passos adiante, se vê aprisionado outra vez. Virou em direção ao feixe de luz com desânimo e rancor e, novamente, encara outra projeção. Doug passou a avistar no vidro a sua frente a imagem de dois braços que escreviam em um bloco de notas.

Na mão direita havia uma pena, da qual o cálamo era envolto por uma peça de prata repleta de entalhes e cuja escrita era de cor vermelha. Na mão esquerda, uma pena semelhante, porém sua escrita era da cor azul.

Havia ainda um peso de prata que pairava entre os dois braços, logo ao final mais distante do bloco de notas, na altura mediana entre as duas penas.

As penas escreviam alternadamente. Não era possível enxergar frases completas. Apenas conseguia ler a primeira e a última palavra de cada linha.

Cada nova anotação começava com a palavra “eles” escrita em vermelho e findava com a palavra “eu”, escrita em azul.

Nota após nota, Doug observou que, toda vez quando a pena vermelha escrevia, o peso flutuava

mais para o alto e toda vez que a pena azul escrevia, o peso flutuava para baixo.

A imagem acelera.

Um tempo passou e as duas mãos param de escrever. As duas penas foram postas sobre a mesa, logo ao lado da última folha de papel em branco e o peso que flutuava repousou bem no centro dessa última folha.

Um momento, e a mão esquerda pega novamente a pena de cor azul e escreve no papel, logo abaixo do peso, o número 0,003, guardando-a em seguida novamente no mesmo lugar.

Doug notou que todos os papéis nos quais as linhas haviam sido escritas formaram uma pilha. Contou 6 mil folhas nessa pilha que estava sobre a mesa.

Nesse momento, o feixe de luz, que antes projetava apenas em um vidro, passou a projetar imagens em todos os painéis a sua volta.

Agora as imagens mostravam uma grande biblioteca.

Doug estava cercado de prateleiras repletas de blocos de folhas semelhantes ao bloco que estava sobre a mesa.

Dois andares. Cada andar continha dez espaços semelhantes com cinco prateleiras igualmente

espaçadas. Em cada prateleira havia cem pilhas desse mesmo papel.

Mais um tempo passa e a mão direita pega a pena de cor vermelha e começa a escrever no papel que continha o número 0,003. Porém, dessa vez Doug conseguia ler absolutamente tudo o que estava sendo escrito.

Lendo, ficou aterrorizado.

Queria sair correndo para salvar sua vida. Seu corpo tremia. Sua testa queimava como se estivesse pegando fogo.

“Chega! Por favor, chega.”

Seu desejo era de que aqueles painéis enormes caíssem sobre ele e o escondessem daquelas imagens, mas nada livrou seus olhos do que estava testemunhando.

De repente, um estrondo disforme, seguido de um sopro, rasga todas as suas vestes e pele, que viram pó. Dor tremenda. Parecia que sua alma estava sendo rasgada ao meio. Doug viu então o pó da sua pele e o pó das suas vestes se aquecer a tal ponto que se fundiram nos painéis de vidro à sua volta.

Então, completo silêncio e vergonha.

Já não havia mais projeção. Não era mais possível ver o feixe de luz. Agora, em todos os painéis, Doug só conseguia enxergar a si mesmo de todos os

ângulos, nu.

“Agora meus olhos te veem”, disse arrependido amargamente. Nesse instante, o imenso painel que estava logo à sua frente, também se desfaz em pó.

Onde antes só havia perfeita noite, agora, uma luz entra com tamanha força e brilho que seus olhos enxergavam, mesmo estando fechados.

Então, vê ali, à beira da abertura, o banquinho de madeira. Aproximando-se, observa sobre o banco uma garrafa de vidro para água, que estava cheia, um envelope bege dobrado, um peso de madeira parado sobre o envelope, o objeto retangular, que agora estava com o número 7 aceso e, viu ainda, encostada ao lado do banco, a sua mochila.

Doug estava com muita sede. Abriu a garrafa e deu um bom gole.

“Que delícia de água.”

Em seguida, pegou com a sua mão direita o peso de madeira e com a mão esquerda pegou o envelope.

“Caramba, o peso é mais leve do que o papel.”

Em seguida, abriu o envelope. Dentro estava uma folha dobrada ao meio. Pegando-a, notou que na parte da frente havia um desenho com os contornos de uma moça. Girando então a mão, viu que do

lado oposto havia um desenho com os contornos de um rapaz.

Desdobrou o papel e ali estavam os dois jovens formando o desenho de um casal. Do lado esquerdo, o rapaz e do lado direito, a moça.

Viu, então, um selo dourado com entalhes perfeitos que formavam a palavra *EGO EMI*, que unia a mão do rapaz com a mão da moça.

Observou, por último, no lado inferior direito da folha, uma descrição: material (C6H10O5)n

Doug sentou-se no banquinho e, estando ele à beira de um imenso abismo, ao olhar para baixo, enxerga um imenso firmamento na cor alva e absolutamente nada além de pó pardo no solo.

“Agora sim entendi!”

Ao dizer em voz alta essas palavras, o número 11 se acende e Doug finalmente retorna.

“Obrigado!”, disse Doug para Djes, assim que se sentou na cadeira.

Sobre a mesinha, viu que havia um tênis igual ao seu, porém novo. Sem remendos, sem retalhos.

“É para mim?”, perguntou por educação.

Doug amava muito seu tênis velho, mas, depois de 29 anos, finalmente, era hora de largar mão. Não fazia mais sentido remendar um calçado velho

com tecido novo.

Assim, Djes e Doug começaram a conversar sobre a viagem. Foi do entendimento de Djes que a conversa não fosse partilhada.

Quão belas e duras foram as palavras que Doug ouviu.

Encerrada a prosa, recolhendo sua mochila e o calçado novo, parte para um breve momento de descanso.

Logo mais, outra viagem.

3 ANOMÍA



“Arrume sua mochila. Leve com você um bloco de notas maior e não saia do local que preparei”, ordenou Djes.

Calça jeans azul, camiseta branca, calçando seu tênis branco novo, mochila nas costas, papel extra para anotar tudo. Finalmente, Doug exclama: “Estou pronto!”

Desta vez, do Aeráki, chegou direto no local onde estava o banquinho.

Uma área circular, demarcada por pedras transparentes que brilhavam muito. No centro, havia uma árvore forte com doze galhos, que se abriam de tal modo a dar cobertura a toda área que estava dentro do perímetro cercado pelas pedras. Em cada um dos galhos da árvore era possível ver um escrito entalhado. Doug não compreendeu o que esses significavam. Observou ainda que a árvore continha doze raízes, das quais três cresciam em direção ao oriente, três em direção ao norte, três iam ao sul e ainda três ao ocidente.

Por último, firme como uma fortaleza, lá estava ainda o banquinho.

Somente a área em que Doug estava era iluminada. O restante, para além das pedras transparentes, estava apagado.

Sentou-se e começou a observar.

Acende o primeiro canhão de luz.

RESTAURANTE

Estava iluminando um restaurante chamado Ártos. Estrutura construída somente com troncos de madeira. Ao lado, um lindo riacho e um amontoado de terra. No interior, havia uma mesa grande de madeira grossa com doze cadeiras semelhantes ao redor. Pendurado na porta de entrada, um pequeno cardápio:

Pão fresco 08:00h até 12:00h

Carne 16:00h até 20:00h.

Acende o segundo canhão de luz.

CANTINA

Estava iluminado um segundo local chamado Ádikos. Uma grande estrutura de vidro e metal, cercada por asfalto. Pendurado na porta, um cartaz escrito:

On-demand

Acende um terceiro canhão de luz.

PRAÇA

Estavam iluminadas várias mesas de madeira, semelhantes à madeira do restaurante. Essas ficavam em um imenso pátio entre o restaurante e a cantina. Cada mesa dava lugar a quatro pessoas e havia centenas dessas mesas separadas uniformemente pela praça.

Doug, então, anotou o que viu:

“Bom dia, Yoshua!”, diz Bâsâr de dentro da sua cantina.

“Bom dia, bom dia”, responde o jovem que trabalhava no restaurante, enquanto voltava do amontoado de terra em direção a praça.

Sempre trajado com seu uniforme de trabalho, calçando suas empoeiradas sandálias de cor marrom e, nos ombros, um pano branco com manchas de vinho e migalhas de pão, Yoshua era o único responsável por servir a todos os que vinham se alimentar naquele local.

“Quais os planos para hoje? O mesmo de sem-

pre?” , ironiza Bâsâr, referindo-se ao cardápio do restaurante que continha apenas duas opções de comida.

Ex-funcionário do restaurante Ártos, Bâsâr havia sido flagrado em roubo. Expulso depois da demissão, por orgulho, resolveu abrir a sua própria cantina, a qual chamou de Ádikos, com a única finalidade de concorrer com quem agora considerava seu arqui-inimigo.

Bâsâr odiava Yoshua profundamente. No tempo em que trabalhavam juntos, propôs ao jovem que ambos se unissem e tomassem tudo para si. O restaurante, a praça e até os clientes.

“Minha lealdade pertence ao verdadeiro dono!”, foi a resposta de Yoshua naquele dia, deixando-o profundamente irritado.

Bâsâr era engenhoso, astuto. Banido, não tinha mais acesso aos recursos do restaurante. Assim, quando abriu sua cantina, se propôs a concorrer de maneira desleal.

A praça de alimentação funcionava 24h por dia todos os dias, e todos os dias Yoshua saía cedo para deixar cardápios em todas as mesas. Trabalhava servindo os clientes e, com muito esforço e competência, mantinha todas as coisas.

Quando o jovem saía para deixar os cardápios,

começava pelas mesas vazias, sobre as quais deixava um em cima de cada assento vago.

Em seguida, à medida que as pessoas chegavam, o jovem entregava o cardápio, primeiramente para aqueles que se mostravam animados e curiosos para experimentar a comida, por conta de boas referências que ouviram por aí. Depois, passava a entregar o cardápio para aqueles que lhe aparentavam estar com fome e tinham pressa para pedir. Por último, entregava o cardápio para os clientes antigos, que esperavam com calma a hora certa de comer, pois já conheciam como o restaurante funcionava.

Esses eram os únicos que, depois de comer, saíam felizes e fortes de por positivamente a respeito do restaurante e do atendimento que recebiam do jovem.

Era por meio da fala desses, que novos clientes chegavam ao local. Aqueles que ouviam e viam, encontrando coerência, se sentiam curiosos a conhecer mais a respeito do Ártos.

Então, depois de entregar todos os cardápios, Yoshua retornava ao restaurante para preparar a comida.

Bâsâr se negava a ir para a praça enquanto o jovem estava por lá. Sempre esperava Yoshua retornar ao restaurante para então sair da cantina. Era

esse o tempo que ele tinha para tratar com as pessoas.

A ambição frustrada do ex-funcionário de tomar o restaurante para si, foi substituída pelo desejo profundo de dominar completamente sobre a praça. A única maneira de ter êxito era se livrando do jovem, de quem o antigo patrão tanto se agradava.

Sua ambição era por vingança. Cada cliente que conseguisse convencer a vir até sua cantina e pedir das coisas que oferecia, era um cliente a menos para o restaurante. Nesse sentido, Bâsâr era esperto.

Observando todos os dias o jovem entregar os cardápios, notou rapidamente que havia três perfis de clientes que frequentavam a praça. Dessa informação bolou um plano.

Sempre que o jovem voltava ao restaurante, Bâsâr saía da sua cantina e reconstituía os passos do servente fiel.

Passava, primeiramente, recolhendo os cardápios que foram deixados sobre as mesas com os lugares vagos. Pegando esses um a um, os lançava fora e, sobre a mesa de madeira, colocava uma toalha branca com estrelas amarelas, que a cobria por completo. Junto, deixava uma folha em branco, na qual os clientes podiam anotar seus pedidos. Em seguida, partia para conversar com aqueles visitantes que

chegavam entusiasmados.

“Vejo que vocês receberam o cardápio do Ártos. Realmente, dizem que a comida é boa, apesar de que lá servem todos os dias a mesma coisa. Eu, particularmente, não vejo graça nisso.”

Conversava sempre com falsos elogios e plantando intrigas.

“Sei que vocês são novos aqui e, em nome do Ádikos, gostaria de dar as boas-vindas. Longe de mim querer atrapalhar a experiência de vocês, mas, infelizmente, preciso informar que o restaurante só possui uma mesa, que por acaso fica no interior e, pelo que ouvi, ninguém mais pode comer lá dentro. Enfim, esses bancos pertencem a minha cantina e, caso vocês decidam pedir a comida do restaurante, receio que vocês terão que comer em pé em algum canto. Mas fiquem bem à vontade para escolher. Qualquer coisa, basta me chamar.”

Enquanto estava falando essas coisas, Bâsâr colocava também sobre essas mesas a toalha branca com estrelas amarelas e deixava uma folha em branco para que anotassem seus pedidos.

Esses clientes entusiasmados, por falta de sabedoria e ingenuidade, escutavam e criam em tudo o que ouviam. Rapidamente se enfureciam com o restaurante, principalmente com aqueles que haviam

feito tanta propaganda para que viessem conhecê-lo.

“Como não nos avisaram disso? Viemos para nos satisfazer. Para ter uma boa experiência. Contudo, não podemos nem nos acomodar?”

Indignados, rapidamente soltavam os cardápios sobre a mesa e solicitavam o papel em branco da cantina, para que pudessem anotar seus desejos. Assim, bem-sucedido, Bâsâr pegava os cardápios que foram deixados de lado e os jogava fora, partindo para as mesas nas quais sentavam os clientes que tinham pressa para se alimentar.

Ele havia observado que esses costumeiramente pediam do restaurante, mas comiam descontentes e, por conta da pressa, não conseguiam comer tudo o que lhes era servido.

“Olá, com licença. Eu poderia fazer uma observação?”, dizia quando chegava nesses clientes.

“Admiro a fidelidade que vocês possuem ao pedir sempre a mesma comida, do mesmo lugar, todo santo dia. Particularmente, eu já teria enjoado. Mas, fica minha admiração.”

Com o elogio conquistava a atenção.

“Longe de mim querer atrapalhar a experiência de vocês. Contudo, devo dizer que não faria tão mal vocês experimentarem uma comida diferenciada depois de tantos anos e tanto esforço.”

Esse argumento encontrou morada. Então continuou.

“Vamos fazer assim. Deixe-me primeiro recolher esses cardápios velhos. Em seguida, vou dar um presente especial para vocês. Sem nenhum compromisso. Uma toalha artesanalmente feita com 333 fios de algodão branco e 333 fios de algodão amarelo. Vejo que vocês merecem.”

Completamente comprados, esses clientes rapidamente renunciavam aos cardápios, que eram jogados fora como os demais. Então, orgulhosamente, recebiam sobre a mesa a toalha branca com estrelas amarelas.

“Caso optem por experimentar coisas novas, ficarei completamente a disposição. Qualquer coisa que vocês desejarem, estou aqui para servi-los.”

Completado os passos do jovem, Bâsâr volta à cantina.

“Como está indo o dia?”, brada ao ver o jovem saindo do restaurante para servir todos os clientes.

Sandália marrom empoeirada, uniforme da empresa, o pano com vinho e migalhas no ombro. Yoshua vem caminhando em direção à praça com um balde em sua mão esquerda, cheio com a água do riacho, e na mão direita segurava um rodo. Era costume o jovem manter tudo sempre limpo.

Assim eram os dias. Yoshua saía cedo para servir a todos e manter tudo limpo e Bâsâr ia atrás sussurrando, jogando fora os cardápios e cobrindo as mesas.

“Olha, aquela mesa sujou tudo outra vez. Você não acabou de limpar?”, bradava para o jovem sarcasticamente. “Vá lá. Vá limpar. Trouxa! Te fazem de bobo”, seguia provocando. “Você viu? Tem cliente jogando comida fora. Não vai falar nada? Vai ficar varrendo calado? Não vê que seus próprios clientes te olham com desgosto?”

Yoshua não se deixava levar pelas provocações. Seguia fielmente trabalhando sem reclamar. Servindo e limpando.

Que profundo ódio sentia do jovem.

“Tenho nojo só de olhar para a cara desse moleque”, dizia a si mesmo.

Bâsâr sabia que precisava se livrar desse garoto a qualquer custo, caso quisesse ter êxito na ruína da sua concorrência. Por isso, em uma manhã repetindo a mesma sequência de sempre, dessa vez, ao colocar a toalha branca com estrelas amarelas sobre a mesa daqueles que vinham curiosos, sussurrou.

“Eu costumava trabalhar nesse restaurante...”

Os clientes ouviram que ele estava balbuciando algo, mas foi tão baixo que não compreenderam

suas palavras. Então lhe perguntaram o que havia dito.

“Eu costumava trabalhar nesse restaurante. Fui um excelente funcionário. Eu poderia até assumir o lugar do proprietário de tanto que eu conhecia do negócio.”

“Mas o que aconteceu? Por que você teve que sair de lá?”, perguntaram os clientes curiosos.

“Olha, não gosto de fofocar. Longe de mim querer falar mal. Não sou de cuspir no prato que já me alimentou. Mas, se me permitem apenas uma observação, sabem esse garoto que passa entregando os cardápios e limpando as coisas?”

“Sim, sim. O Jovem simpático.”

“É. É. Muito simpático.”, engolindo o ciúme, seguiu.

“Quer saber? Deixa para lá.”

“Não, não. Conte-nos. Somos curiosos.”

“Bom. Certo dia ele chegou em mim e me fez uma proposta. Disse que se eu o obedecesse, talvez conseguíssemos expulsar o dono e tomar todo restaurante para nós.”

“O quê?! Que absurdo... Que insolente.”

“Pois é. Eu não imaginava que sugestão assim poderia partir dele. Ele quer o restaurante todo para

si? Louco. Inclusive, posso jurar que certo dia o ouvi dizendo que ele e o dono são um. Enfim, um desequilibrado. Foi por isso que eu quis sair de lá e abrir minha própria cantina.”

“Isso não está certo. Quem esse jovem pensa que é? Não esperávamos esse tipo de atitude por parte dele. Nos parecia um jovem tão inocente e amoroso.”

“Pois é. É para vocês verem como as aparências enganam. Em todos os casos, se puderem não comentar com ninguém o que contei, agradeço. Não quero causar problemas a ninguém.”

“Não comentar?! Não vamos deixar isso assim não. Ainda mais depois de nos obrigarem a comer em pé.”

Vendo que sua provocação foi bem recebida entre os curiosos, Bâsâr parte para as próximas mesas, aquelas com os que vinham com pressa para se satisfazer.

“Senhoras e senhores, sinto muito informar que dessa vez não poderei oferecer-lhes a maravilhosa toalha com 333 fios de algodão branco e 333 fios de algodão amarelo. Infelizmente, toda vez que eu a dou gratuitamente de presente aos clientes que merecem o melhor, aquele jovem, que às vezes limpa a praça, vem e rouba as tolhas para si.”

Esses, ao ouvirem que o jovem roubava suas tão merecidas toalhas, imediatamente se zangavam. Queriam tirar satisfação com o jovem, preocupados em defender seus lugares nas mesas.

“Onde está esse infeliz garoto!?! Queremos tirar satisfação com ele agora mesmo. Chame-o”, gritavam rasgando os seus próprios cardápios.

Novamente tendo êxito, Bâsâr sai em direção às últimas mesas. Porém, nessas não encontrou brecha. Esses clientes aguardavam com calma e eram profundamente fiéis ao restaurante. Quando ele se aproximava dessas, os clientes sequer baixavam o cardápio da frente dos olhos para lhe receber. Eram esses os clientes que, pela palavra, atraíam novas pessoas à praça.

“Não dá para ganhar todas”, pensou, voltando para sua cantina.

Estava tudo armado. Bâsâr sabia que não podia fazer mais do que sugerir.

Não teve erro. As pessoas passaram a partilhar do seu ódio e o ar de vingança tomou conta da praça. Particularmente, focaram sua indignação no jovem, já que o dono nunca havia sido visto por eles.

O murmúrio começou por aqueles clientes que, dando ouvidos às mentiras, se enfureceram por não poderem comer sentados. Enervados, saíram da

praça e foram pedir comida na cantina. Ao chegarem lá, a vasta oferta de alimentos e bebidas os excitou.

O contraste com o cardápio sucinto do restaurante era visível e inegável. Isso serviu como gasolina para o tumulto que crescia.

“É isso? Pão, carne e vinho? Cobram caro, oferecem pouco e ainda precisamos sofrer comendo de pé? Nunca mais voltaremos para aquele restaurante”, diziam.

A cantina servia todo tipo de coisa. Na parede, linhas e linhas de pura satisfação em um imenso cardápio desenhado atrás do balcão.

“Tudo por um precinho!”, dizia Bâsâr aos novos clientes.

De produtos a serviço. Todos ganhavam um papel em branco. Bastava preencher com tudo o que desejavam. Para agradar ainda mais, dizia: “Não se preocupem, não será preciso pagar. Peçam, apreciem e aproveitem. Vocês jamais serão cobrados pelas escolhas que fizerem.”

Ah, isso era música para os ouvidos famintos.

Entrando na onda de vingança, aqueles clientes, que erroneamente tomaram o jovem por ladrão, resolveram procurá-lo para tirar satisfações. Contudo, esses clientes não quiseram se levantar dos seus

lugares, pois tinham medo de perderem seus assentos especiais. A solução que encontraram foi aliciar aqueles que bebiam e comiam na cantina. Pediram a esses que encontrassem algo que fosse passível de uso como prova de acusação contra o jovem. Em troca, pagariam a conta daqueles que aceitassem a tarefa.

Assim foi.

Dia após dia, Yoshua não fazia mais do que arrumar as mesas, distribuir os cardápios, limpar todas as coisas e servir os clientes. Nada encontravam que fosse útil para acusá-lo. Contudo, isso só fez aumentar a raiva. Uns passaram a provocar o garoto.

“Ei, é você o dono do restaurante?”

“Isso vocês dizem”, lhes respondia o jovem.

Apertaram. Provocaram. Fofocaram. Mas nada encontraram. Até que, um dia, cegos pelo ódio, resolveram emboscar o jovem, mesmo sem terem nada para incriminá-lo. A multidão pegou-o à força. Tiraram-lhe o balde e o rodo, quebrando e pisoteando-os em pedaços, jogando partes para todos os lados.

Preocupados para que não fugisse, amarraram-lhe pés e mãos a um dos bancos, bem no centro da praça, para que todos vissem.

Um dos que estavam sentados, levantou-se.

Levando em suas mãos a toalha branca com estrelas amarelas, tirou do ombro do jovem, ainda calado, o pano sujo de vinho com migalhas de pão que ele carregava. Limpando com esse a sujeira das próprias mãos, passou o pano do jovem para os que estavam a cuspir no rosto do garoto e, em seguida, pôs sobre o jovem a sua toalha com 333 fios de algodão branco e os 333 fios de algodão amarelo.

“Não era isso que você queria? O que nos pertence. Aí está!”

Cuspindo também no rosto do jovem, voltou a sentar-se em sua mesa para não perder o lugar.

A multidão gritava, xingava e exigia. Mas nada fazia o jovem se defender. Era de se esperar que houvesse um mínimo de empatia com a situação do garoto, contudo, seu silêncio gritava tão alto, que provocava reações ainda mais extremas.

— **O seu silêncio aumentou o ódio deles.**

Mais um tempo se passou e o garoto já estava com roupas e pele completamente rasgadas. Sujas de sangue e pó. Então, outro que estava sentado, levantou-se. Ajuntando do chão um dos pedaços quebrados do rodo, aproximou-se do jovem e o sovou com toda a aversão que tinha. Quatro golpes certos. Um em seus pés. Um em cada um dos seus pulsos. Por último, o golpe fatídico na costela.

O jovem estava com os olhos completamente roxos e inchados, úmidos da saliva dos seus malfeitores. Suor escorria por todo corpo. Dos cabelos para os lábios, dos joelhos para os pés. Pele rasgada com pedaços de carne viva aparentes. Corpo trêmulo e mole, mantinha-se apenas pelas cordas que o amarravam à mesa. Em profunda angústia, olhou uma última vez em direção ao restaurante e se entregou.

“Nos vingamos!!!”, bradam em um só coro.

Comemoraram como se tivessem se livrado de tudo o que havia de negativo em suas vidas. Dentre eles, alguns desamarraram o corpo morto do jovem e o levaram até o montinho de terra ao lado do restaurante. Largando-o às traças.

“Que sirva de exemplo a todos os que desejarem nos dizer o que devemos fazer das nossas vidas.” Em seguida retornaram para o local na praça de onde haviam vindo.

Uns voltaram à cantina. Uns voltaram para suas mesas. Outros ainda foram em busca dos clientes fiéis ao restaurante. Aqueles que eram amigos do jovem. Porém, não tiveram êxito, nenhum desses foi encontrado. A maioria dos clientes fiéis foi convidado a entrar no restaurante e lá, os que estavam em fúria, não conseguiram entrar para alcançá-los.

Bâsâr sai de dentro da cantina.

Que imensa alegria sentia. Não imaginava que seu plano seria tão eficaz. Contudo, ódio e ciúmes fazem parte do seu próprio ser, não bastava a morte do jovem, queria culminar com tudo o que era importante e relacionado ao restaurante.

Então, nova proposta.

“Três dias. Vamos fazer uma festa por três seguidos.”

Bâsâr tinha guardado todos os papéis nos quais os clientes haviam anotado seus pedidos. Desse modo, sabia o que cada um desejava.

“Sem parar! Tudo por minha conta”, propõe Bâsâr.

“Venham vocês que ainda estão nas mesas. Aproximem-se, todos vocês que estão em pé. Tudo será por minha conta. Comam e bebam tudo o que desejarem. Peçam e eu servirei. Ordenem e eu entregarei. Já não há quem os prenda.”

À festa deu o nome de Anomia.

Alguns entre eles diziam: “Enfim, ninguém mais precisaria lidar com aquele jovem.” Outros ainda falavam: “Ninguém mais precisaria viver somente de pão e carne. Está autorizada a liberdade!”

Extremamente realizado, o promotor da festa

sai então a indagar, de pessoa em pessoa:

“Qual o seu preço e o que você quer para fazer parte?”

O frenesi era intenso.

As pessoas não estavam acostumadas ao montante de oferta repentina ao qual agora tinham acesso. De certa forma, o restaurante se preocupava com elas, pois servia a todos com comida e horário definidos, além de cuidar de toda limpeza.

Esse poder de conhecer, decidir e provar novas coisas, estava instigando profundamente a multidão. Um sentimento sutil de poder ganhava corpo, forma e consciência.

De um em um, Bâsâr seguia perguntando: “Qual o seu preço e o que você quer para fazer parte?”

Ninguém jamais lhes tinha feito tal pergunta.

“Definimos nosso próprio valor? Que maravilha”, diziam.

Assim, conforme seus sentimentos, todos davam a si mesmos um preço que achavam justo e faziam um pedido que lhes satisfizesse.

— **Uns pediram dinheiro. Uns pediram poder. Uns pediram prazer.**

Os que pediram dinheiro, pediram para que

pudessem comprar e enfeitar suas próprias mesas com todos os tipos de toalhas feitas somente com os mais belos e finos fios de algodão.

Os que pediram poder, o pediram pois queriam decidir sobre todos e todas as coisas. Desse modo, nunca mais correriam o risco de ter que comer em pé.

Os que pediram prazer, o pediram pois estavam fartos da mesma comida todos os dias. Cansaram do sabor eterno. Queriam viver novas experiências.

A alegria estava em alta. Comiam, bebiam e faziam exatamente o que desejavam. Todos estavam realizados. Preenchidos somente com os melhores sentimentos.

— **Saboroso era o conhecer. Gostosa era a liberdade.**

Novas pessoas chegavam à praça a todo momento, atraídas pelos risos altos e incentivadas pelos testemunhos que ouviam a respeito das maravilhas na festa. Também a essas, Bâsâr perguntava: “Qual o seu preço e o que você quer para fazer parte?”

Tudo corria bem, até o primeiro atrito.

Dentre os que pediram poder, alguns decidiram sentar-se nas mesas que estavam cobertas por belas toalhas, feitas dos melhores fios de algodão.

Depois de certo tempo apreciando a festa, cansaram-se de suas próprias mesas, pois essas lhes pareciam demasiadamente simples em relação as que continham as belas toalhas.

“Merecemos o melhor!”, diziam a si mesmos.

Vendo quão belas eram as mesas daqueles que pediram por dinheiro e como essas mesas chamavam muita atenção de todos ao redor, as desejaram profundamente.

“Ora, se temos o poder, vamos usá-lo. Nos sentaremos onde bem entendermos.”

Aproximaram-se então daqueles que pediram por dinheiro e declararam: “De agora ao final da festa, todas as mesas cobertas com as mais belas toalhas de algodão nos pertencem.”

Obviamente, esse anúncio não foi bem recebido e gerou imediata revolta.

“Que ultraje. Fomos nós que pagamos por essas toalhas especiais e agora querem tomá-las das nossas mãos? De modo algum!”

Essa negativa, por parte daqueles que pediram por dinheiro, foi recebida com surpresa.

“O quê? Temos o poder! Mandamos e assim será. Como pode alguém ousar nos dizer o que podemos ou não fazer? Vocês quem são para tal?”

Vendo que o tumulto estava tornando o ambiente pesado, alguns, dentre aqueles que pediram por prazer, resolveram intervir.

“Parem imediatamente essa discussão! Vocês estão estragando todo o clima da festa. Estão furcando toda a atenção. Já não estamos sentindo prazer.”

Falaram assim, pois viviam para o deleite e pelos olhares.

“Acaso não estávamos nos divertindo? Dançamos e todos nos desejaram. Cantamos e todos nos ouviram. Nos movemos e todos nos seguiram. Pois agora ninguém mais nos olha. Portanto, parem agora com essa briga!”

Realmente o clima de festa havia ficado tenso. Contudo, o tom de ordem com o qual falaram irritou ainda mais aqueles que haviam pedido por poder.

“E vocês quem são para também nos dizer o que devemos fazer? Agora todos estão nos dizendo o que fazer, onde devemos nos sentar e como devemos agir? Estão loucos!?”

Porém, dentre os poderosos, alguns ouviram tudo o que estava sendo dito com menor animosidade. Cansados da bebedeira e da comilança, queriam apenas sossego. Assim, disseram aos seus pares: “Os que pediram para cessar a briga têm razão quando

dizem que o clima da festa pesou. Venham, voltemos aos nossos lugares. Voltemos a desfrutar desse momento maravilhoso.”

Assim, tendo o poder em mãos, decidiram que nada mais fariam contra os que pediram por dinheiro “Está encerrada a briga.”, declararam.

Desse modo, todos voltaram a admirar a dança, ouvir a música e a buscar prazer. Contudo, não tardou para que o ritmo de festa fosse outra vez interrompido.

Aqueles que pediram dinheiro, não conseguiam parar de comprar. Suas mesas estavam cobertas com tantas camadas de toalhas feitas com os melhores fios de algodão, que sequer enxergavam seus pares assentados logo a frente.

Toalhas e mais toalhas amontoadas. Eram tantas, que já não havia mais local para armazenar as novas que eram adquiridas descontroladamente. Sendo assim, pela falta de espaço, decidiram que comprariam todas as mesas da praça. Desse modo, teriam maior área para expor suas maravilhosas e exclusivas posses.

Obviamente, essa decisão rapidamente encontrou resistência entre os que haviam pedidos por poder.

“Ordenamos que saíssem dos seus lugares para

que pudéssemos nos sentar. No entanto, vocês não nos obedeceram. Nos impediram de ficar nas mesas com as belas toalhas. Agora, querem também o que é nosso?” Esses haviam guardado profundo rancor. “Movam tão somente um dedo em nossa direção, que mandaremos os matar!”

Como era de se imaginar, a ameaça não foi bem recebida.

“Nos matar? Quem sujaria a mão por vocês? O que lhes ofereceriam para fazê-lo? Por conta da ameaça que nos fazem, tudo o que possuem será nosso. Compraremos as mesas, a comida e toda bebida. Então, verão que verdadeiramente não mandam em nada.”

Em meio a toda discussão, outra vez os que pediram por prazer começaram a se sentir desgostosos e desprezados.

A briga era péssima para os negócios. Saíram então a pedir por paz, amor, respeito e solidariedade, tentando outra vez apartar a briga para que fossem vistos. Porém, dessa vez, não os levaram a sério.

“Ora, e quem são vocês? Quem são, senão bobos, que se humilham em troca de um par de olhos, alguns aplausos e um pouco de moedas? Mendigam com seus corpos. Mendigam com suas palavras. Mendigam com suas ideias. O que fazem, senão

suplicar um pouco de atenção?”, disseram os que pediram por dinheiro. “Compraremos também a vocês. Então farão e dirão tudo o que mandarmos.”

Aproveitando o ensejo, os que pediram por poder também responderam aos que continham prazer.

“Calem-se e deixem-nos resolver nossas próprias questões. Vocês não sabem nada sobre nada. Não conhecem um dedo além dos limites da própria realidade. Iludidos. O que são, nos pertence. Nós dizemos quem vocês são, nós escolhemos o que vocês falam, nós decidimos o que vocês fazem. Que poderiam agregar a alguém? Saiam e deixem-nos! Antes que os mandemos embora da praça.”

Sentindo-se completamente humilhados, os que haviam pedido por prazer, entraram em profunda depressão.

“De fato, o que poderia ser feito? O que podemos oferecer, que os outros já não tenham?”

Até que, entre eles, alguns disseram: “Temos prazer. Vamos vender o que temos. Desse modo, dependerão de nós e dominaremos sobre o que lhes pertence. Dinheiro e poder serão nossos.”

Foram astutos. Notaram que os outros dois grupos tinham prazer em brigar, mas, enquanto brigavam, não sentiam prazer.

Venderam a todos um pouco de prazer no momento da briga, de tal modo que voltariam a ser o centro. Contudo, sabiam que seria necessário manter todos brigando, para permanecer vendendo. Para isso, como imagem e semelhança de Bâsâr, começaram a sussurrar mentiras.

Ao grupo que havia pedido por dinheiro, sussurram boatos de que havia um plano para tomá-lhes todas as tolhas. Ao grupo que havia pedido por poder, sussurram que havia um plano para tomá-lhes todas as mesas. A polarização era perfeita.

Sendo ele os portadores da notícia, passaram a ter o poder. Do mesmo modo, cobravam caro em troca de mais informações mentirosas. Assim, passaram também a ter muito dinheiro.

Porém, os outros dois grupos perceberem que certas informações não eram verdadeiras.

“Os que pediram por prazer estão tomando o que é nosso! Vamos nos unir para nos vingarmos!”

Com isso, os que haviam pedido por prazer, perderam a vantagem de agir nas sombras. Já não sabiam mais o que fazer para manter o poder ou para ganhar mais dinheiro.

“O que faremos? Ninguém mais quer o que temos a oferecer.”

Entre eles, uns sugeriram que seguissem fazen-

do o mesmo que vinham fazendo.

“Vamos dar uma breve pausa e logo nos esquecerão. Aí podemos voltar a vender prazer.”

Porém, essa sugestão não foi aceita unanimemente. Alguns, dentre esses, não quiseram renunciar ao que conquistaram.

Decidiram continuar fazendo o mesmo, porém passaram a trocar uma quantia maior de si por um valor menor de dinheiro e um pouco menos de poder.

Funcionou.

“Voltamos a fornecer prazer a todos!”, comemoraram.

Contudo, depois de tudo o que passaram, ficaram com muita raiva pelo modo que seguiam sendo tratados por todos. Decidiram revidar.

“Vamos dizer aos que pediram por poder que, os que têm dinheiro, querem nos expulsar da praça. Em seguida, vamos dizer o mesmo aos que pediram por dinheiro. Terão medo de perder todo o prazer e, por conta disso, irão se matar mutuamente. Desse modo, tudo será nosso.”

Assim fizeram.

De fato, nenhum dos outros dois grupos queriam renunciar ao prazer que haviam adquirido. A

mentira caiu como gasolina no fogo. Os dois lados começaram a se destruir. Queimavam e roubavam as toalhas. Roubavam e queimavam as mesas.

O tumulto foi tão grande, que já não havia mais lugar para que todos pudessem se sentar. Não havia mais como apreciar em paz o que comiam e bebiam. Então, outra vez, os dois grupos culpavam os que haviam lhes vendido prazer.

Dessa vez, para revidar, os que pediram por poder passaram a proibir danças, músicas e falas, em toda a praça.

Por sua vez, os que haviam pedido por dinheiro compraram toda comida e bebida que havia na cantina, com o fim de limitar o acesso.

Tudo se tornou um caos. Tudo estava quebrado. Tudo estava pegando fogo. Todos se odiavam.

— **Tudo era bom, até que tudo se tornou um vício, e o vício se tornou prisão.**

Ao final do terceiro dia de festa, a praça estava completamente suja e destruída. Justamente nesse momento, Bâsâr decidiu sair da cantina para cobrar de todos o que todos lhe deviam.

Sorrindo e completamente excitado com o que via, andou pelo imenso salão repleto de lixo e corpos. Assoviando como se estivesse vivendo o melhor dia da sua vida, olhava com narcisismo e ironia o

êxito que tivera com a sua sugestão da festa.

“Devo admitir, surpreenderam até a mim!”

Então, em meio ao deleite pessoal, seus olhos ativos, que admiravam o horizonte, veem de longe alguém se aproximando em mansos passos, caminhando em meio a toda fumaça, entulho e corpos.

Imediatamente parou de assoviar e fechou a cara.

“Como pode que alguém ainda tenha forças para andar?”, pensou.

À medida que a pessoa se aproximava, era possível notar que, ao redor dos passos que ela dava, a sujeira abria espaço para seus pés e, igualmente, a fumaça lhe abria lugar de passagem, como uma porta antes fechada.

“Não é possível!?!”, deixa escapar em tom amedrontado.

Quando percebeu quem estava vindo, sentiu um arrepio que lhe congelou a alma. Se atormentou de tal modo que desejou estar escondido entre os escombros.

“Você estava morto! Eu vi com meus olhos. Você estava morto!”

Vinha em sua direção o jovem vestido com novas vestes, a sandália marrom limpa nos pés e, nos

ombros, um pano manchado de sangue.

O jovem se aproxima de Bâsâr em silêncio. Ao chegar diante dele, Bâsâr cai de joelhos, como se toda força lhe fosse tirada. Nesse instante, seus ossos se abalaram como se tivessem ficado porosos. Já não conseguiam lhe sustentar em pé. Gemendo de medo e dor, despencou no chão.

O próprio ar que ainda respirava, entrava em seus pulmões sem que esses inspirassem e, do mesmo modo, saíam dos pulmões sem que expirassem.

Caiu sobre ele o que parecia o peso do universo.

Nesse momento o jovem lhe falou:

“Você era inculpável em seus caminhos desde o dia em que foi criado, até que se achou maldade em você. Por meio do seu amplo comércio, você encheu-se de violência e se perverteu. Por isso, eu o lancei em desgraça, para longe do monte. Eu o expulsei, ó guardião, do meio das pedras fulgurantes. Seu coração tornou-se orgulhoso por causa da sua beleza e você corrompeu a sua sabedoria por causa do seu esplendor. Por isso, eu o atirei à terra; fiz de você um espetáculo para todos. Por meio das suas mentiras e do seu comércio desonesto, você profanou tudo o que era correto. Por isso, fiz sair de você um fogo que o consumiu, e eu reduzi você a cinzas

no chão, à vista de todos os que estão observando. Logo você não mais existirá.”

Esse era o fim da festa.

Anomia já não mais existia.

Mas, antes que lhe fosse entregue plena justiça pelos seus atos, o jovem acrescentou:

“Agora, eu compro a todos. Eles e todas as suas dívidas. Assim serão meus e farão parte de mim!”

Nesse instante, com forte sopro, tudo estava selado.

Apaga o terceiro canhão de luz.

Apaga o segundo canhão de luz.

Apaga o primeiro canhão de luz.

De repente, um estrondo firme e seco. Doug está de volta.

Retornou com alma pesada e aflita. Completamente pálido e cansado. Caminhando com dificuldade, chega à beira da bela cadeira de sândalo e ali seu corpo despenca como se tivesse sido desmontado. Então, Djes lhe soprou o rosto, fazendo-o cair em profundo sono.

KOIVÓ

ΕΠΙΜΟΝΗ ✨
UM ESPETÁCULO OCULTO

VENHA CONFERIR ✨
ENTRADA FRANCA

Hoje
18:00 - 22:00
Rua Traiani Reges - 199

No início, Doug se divertia. No entanto, depois dessa última, era visível em seu rosto a angústia em ter que viajar novamente.

“Por que você está me mostrando tudo isso!?”

Fazendo jus a seu perfil, Doug costumava oscilar entre extremos. Questionava tudo ou não queria saber de nada. Dessa vez, optou por adubar sua ansiedade.

“Foi você quem me chamou. Eu estava dormindo. Que sentido há em ver o que tenho visto e anotar o que tenho anotado, se o que digo, não querem ouvir e o que escrevo, ninguém quer ler?”, desabafa ele, tendo em mente a carta que escreveu para os líderes em Sídero. “Sequer sei se a carta foi entregue. Nenhum deles me respondeu. Quantos têm zombado de mim. Tantos outros me olham como se eu andasse abatido, com algum tipo de depressão autoimune. Ainda, outros me tem como um louco. Qual é a razão em insistir, se não querem enxergar?”, segue indignado. “O objetivo disso tudo é apenas me humilhar? Se sim, então, de fato, tem funcionado. Me responda: se a vida é como uma sombra que some quando a luz aparece, por que não posso ficar aqui com você de uma vez por todas? Por favor, não me obrigue mais a voltar.”

A pirraça se estendeu por certo tempo. Era

por que para lá, por que para cá... e Djes seguia ouvindo calmo, com atenção. Até que Doug solta a infeliz frase: “Eles que se lasquem!”

Foi a primeira vez que Djes se levantou do seu lugar.

O coração de Doug correu parar na garganta. Engolindo seco a palavra que estava prestes a sair da boca, voltou goela abaixo queimando como ácido. Conseguia ouvir os próprios batimentos cardíacos acelerados.

Era comum Doug falar pelos cotovelos deixando alguns exageros escaparem, mas, dessa vez, sequer teve tempo para uma autoanálise.

Ali em pé, bem na sua frente, Djes anuncia com firmeza e grande poder:

“Agora, eu tiro a sua voz e abrirei seus olhos”.

Sem a menor chance de tréplica, lá se vai Doug pelo Aeráki.

Novamente em Sídero.

“Ah vá! Para onde mais, senão aqui?”, pensou com cinismo.

Já mais familiarizado com os exageros da cidade, prontamente partiu em procura do banquinho. Tinha uma memória admirável. Logo se lembrou do mapa que havia visto aquelas pessoas desenharem

nos quadros, o que lhe poupou tempo e caminhada.

“Se tem alguém que pode me dizer onde o banquinho está, é o velhinho. Me recuso a perder mais tempo nessa cidade do que o necessário. Vou direto para lá.”

Seguindo, então, primeira esquina à direita, andou três quadras em linha reta e virou para a direita outra vez. Ao final dessa quadra, foi para a esquerda, o que o levou até a grande avenida. Subindo para a direita, contrariamente ao fluxo dos carros, seguiu nela em direção à casa do velhinho.

Nesse caminho, passou pela banquinha e notou que a boca do dono estava mais inchada do que se lembrava. Passou também pela loja de tênis e, sem surpresa, notou que os pés da moça pareciam os pés de um gigante, ainda maiores do que da última vez que a avistara.

— Todos estavam ainda mais inchados do que da última vez que ali estava.

“Bem, eu avisei. Que não reclamem agora.”

Se por um lado perdeu a própria fala, por outro, a voz interna ganhou volume.

Doug havia guardado muita mágoa daquela cidade, junto com as pessoas que nela habitavam. Contudo, no fundo, não queria realmente que todos se ferrassem. Tinha muito trauma por ser rejei-

tado desde pequeno. As lágrimas foram armazenadas na alma e substituídas por palavras e anotações.

Era assim que se defendia, era assim que se comunicava. Mas, não era assim que se sentia. As palavras descreviam a angústia de saber o que os habitantes de Sídero passariam para que a cidade voltasse a ser o que outrora era.

— **É inevitável.**

Enfim, à vista, a porta do velhinho. Lá estava a placa pendurada. Goniakí. Que sensação nostálgica. Sentia saudades daquela pequena casa espremida entre os enormes prédios.

À distância, notou que aquele poste de madeira, que na outra vez estava caído em frente à casa, não estava mais ali. Mais uns passos, enfim chegou em frente à porta. Aproximando-se dela, procurou pela campainha, mas não encontrou nenhuma. Sem sucesso, parado na calçada, bem em frente da entrada, resolveu bater palmas. Uma, duas, três, quatro... e nada do velhinho responder. Então, achegando-se mais perto da porta, deu três batidas curtas com as costas da mão, mas também não obteve resposta.

Sem saber muito bem o que fazer, já que seu plano ao chegar em Sídero foi ir direto para a casa de madeira, na esperança de que o velhinho pudesse indicar onde estava o banquinho, afastou-se da

porta de entrada. Porém, ao virar para se sentar na beirada da calçada, notou um cartaz pendurado em um dos imensos postes do outro lado da rua, e nele reconheceu a foto.

“Pfff. Quem diria, o velhinho é famoso.”

Atravessando a rua, aproximou-se do poste e leu o cartaz que dizia:

EPIMONÍ
UM ESPETÁCULO OCULTO
VENHA CONFERIR
ENTRADA FRANCA
Hoje
18:00 - 22:00
Rua Traiani Reges - 199

Descolando o cartaz do poste para guardar o endereço, dobrou-o ao meio e guardou em seu bolso. Então, saiu a procura do local.

Levando em consideração a cidade em que estava, não demorou muito para chegar. Andou menos de cinco quadras, o que deu um pouco mais de uma hora. Chegou em uma grande estrutura. Na placa, ao lado da entrada, dizia que o local era datado do século XIX.

Por fora se via imensos vitrais, que desciam do topo ao chão. Cortavam as laterais da grande estrutura bege e marrom. Eram belos e ricos em detalhes. Ainda de fora, era possível ver na ponta mais alta da estrutura um grande sino de cobre, pendurado sob um domo.

Doug entrou pela porta principal. Subindo dois degraus, estava em frente a uma grande porta de madeira entalhada, que antecedia uma porta de vidro bipartida. Passando pelas duas portas, estava no interior.

Um pé-direito imenso. Cerca de 30m. A pouca luz do sol, que ainda brilhava ao entardecer, passava pelos vitrais compostos por retalhos de vidro colorido e refletia suas cores no chão de tacos finalmente encaixados e também na parede branca ao fundo, que mais parecia um corte chanfrado de um imenso formigueiro.

Havia ainda um grande palco. Do lado esquerdo um palanque belíssimo. Completamente entalhado em madeira nobre, no qual era possível ver a palavra ‘am-nos’ esculpida.

“Certamente esse palanque foi feito pelo velhinho”, pensou.

Ainda sobre o mesmo palco, no lado oposto, estavam posicionadas cinco tribunas menores. Es-

sas feitas de metal. Sobre cada uma dessas havia um botão azul e outro semelhante, de cor amarela.

Ainda observando o interior, Doug notou os canhões de luz fixos nas paredes laterais. Esses iluminavam todo o palco. Notou o imenso relógio preso na parede dos fundos e, ainda, o grande telão pendurado por cabos, próximo ao palanque de madeira.

O interior era dividido em dois andares. Cada um deles estava repleto de fileiras de bancos de madeira marrom escura. Sobre cada um dos bancos, havia pequenos papéis, que continham nomes de pessoas, o que indicava que os lugares estavam todos reservados. Mas, até aquele momento, Doug era o único ali.

Não havia mais nada a observar. Olhando no grande relógio, viu que já era próximo das 18:00h, então resolveu procurar lugar no segundo andar. Subindo pela escadaria caracol, que ficava ao lado da entrada, assim que chegou em cima, avistou o banquinho de madeira.

“Imagina se não estaria aqui.”, ironiza ao se sentar.

Junto ao banquinho havia uma pequena tela. Do seu lugar era possível enxergar muito bem o palco. Dali via o palanque de madeira, o grande telão, as cinco tribunas de metal, os botões sobre essas e o

relógio pendurado na parede dos fundos.

O ponteiro grande finalmente alcança o número 6.

O primeiro a entrar foi o velhinho, emergindo de uma escada que ficava junto à parede dos fundos. Ele toma seu lugar no palanque de madeira esculpida e anuncia com seriedade:

“Começou!”

Em seguida, anunciou algumas pessoas:

“Que entrem Zebedeu, Gabriel, Nicodemos e Asafe”

Como sempre, Doug era pura ansiedade.

Os quatro que foram chamados vieram da mesma escada da qual o velhinho havia subido. Em fila, cada um ocupou lugar em uma das tribunas menores de metal. Doug observou Zebedeu, que estava na tribuna mais distante, tinha as duas pernas inchadas. Gabriel, que ficou na tribuna seguinte, à esquerda de Zebedeu, tinha o dedo indicador de cada uma das mãos inchado.

Nicodemos, que ocupou a terceira tribuna, tinha a cabeça inchada. Por último, Doug notou que Asafe, pulando a quarta tribuna, estando ele na quinta e última, tinha a boca inchada.

Em seguida, o telão foi ligado. A imagem que

aparecia era completamente branca.

Um instante se passa e o velhinho dá um passo à frente, agachando-se sobre sua perna direita, apoiando o joelho da perna esquerda no chão. Assim, olhando para Zebedeu, perguntou:

“Seu nome é Zebedeu?”

“Oxi! Tudo isso para perguntar o que já sabe?”, reagiu Doug.

Zebedeu, sem dizer uma palavra, olhando para o telão, apertou com a mão esquerda o botão azul que estava sobre sua tribuna. No instante em que apertou o botão, a imagem branca na tela ficou completamente verde por três segundos, voltando a ficar branca outra vez.

O velhinho se levantou.

Um momento e ele cruza seus dois dedos indicadores, horizontalmente na altura do seu rosto. Como se fossem dois elos de uma corrente. Com o olhar fixo em Gabriel, perguntou-lhe:

“Seu nome é Gabriel?”

Do mesmo modo, sem falar e olhando para o telão, Gabriel apertou com sua mão esquerda o botão azul sobre sua tribuna e, semelhantemente, a tela brilhou na cor verde por três segundos, voltando, então, a ficar branca.

O velhinho desata os indicadores.

Mais um momento e levou sua mão direita sobre sua própria cabeça. Então, com olhos fixos em Nicodemos, perguntou a esse:

“Seu nome é Nicodemos?”

Como foi com os outros, o botão azul foi apertado, a tela piscou na cor verde e voltou a ficar branca.

O velhinho abaixa a mão.

Um tempo mais e leva a sua mão direita à frente dos próprios olhos. Virando então seu rosto para a direita, pergunta:

“Seu nome é Doug?”

Doug tem uma pane súbita. Como uma máquina superaquecida, ele simplesmente emperrou. Já não conseguia falar, pois sua voz lhe havia sido tirada e, nesse instante, até os pensamentos evaporaram.

Bugou.

Quando finalmente a pane passou e, lentamente, os sentidos foram retornando: “Onde estão os botões!? Como vou responder? Não tenho voz! Onde estão os botões de resposta!?!”, pensava. Estava aflito procurando uma maneira de responder.

O que para Doug pareceu minutos, durou

alguns segundos.

Antes que pudesse organizar os próprios pensamentos, a tela pequena, que ficava junto ao banquinho, acendeu com a cor verde, semelhantemente, a grande tela brilhou na cor verde e as duas ficaram assim por três segundos.

O velhinho desce a mão com a qual tapava seus olhos.

“O que foi isso?! O que eu tenho com esse espetáculo? É por isso que eu odeio essa cidade. Todos são loucos. Nada faz sentido aqui!”, começou a praguejar.

O pensamento estava a milhão. Pouco acompanhou a interpelação de Asafe. Doug só voltou a prestar atenção nos segundos finais, quando o velhinho já estava afastando a mão direita da frente de sua própria boca.

Houve um momento de pausa. Em seguida, o velhinho segue. Levantando o seu braço direito em direção à primeira coluna, com o indicador apontando, faz novo questionamento.

“Alguma parte do seu corpo está inchada?”, perguntou ele a Zebedeu.

“Ah, finalmente alguém tocou nesse assunto! Não é possível que todos eles se sintam confortáveis com um pedaço do corpo prestes a explodir a qual-

quer momento”, pensou Doug, satisfeito com essa indagação.

Porém, para sua surpresa, Zebedeu, olhando para o grande telão, apertou o botão amarelo.

“O que?! Esse homem é burro? Por acaso é cego? Não tem espelho em casa?”, enraiveceu imediatamente.

O breve chique mental foi interrompido quando viu que, após Zebedeu ter pressionado o botão amarelo, a tela branca piscou em vermelho.

“Viu! Cego. Como é possível não notar essas pernas enormes? Mentiroso. Bem-feito. Está passando vergonha à toa.”

Ainda com o braço erguido, o velhinho passa a apontar para a segunda tribuna, repetindo a mesma pergunta a Gabriel.

“Alguma parte do seu corpo está inchada?”

“Vamos ver se esse também é sem vergonha”, murmura Doug em pensamento.

Contudo, para sua surpresa, assim como seu colega anterior, Gabriel pressionou o botão amarelo.

“Mas não é possível? Vocês estão de sacanagem? Que loucura é essa? Agora não tenho mais dúvida alguma, esse pessoal tem que se ferrar mes-

mo. Não tem como. Não é à toa que essa cidade está como está.”

Após a resposta de Gabriel, a tela também se acendeu na cor vermelha.

“Ah vá! Apenas outro mentiroso.”

Seguindo, agora com o braço em direção à terceira tribuna, o velhinho repete a pergunta. Não surpreso, Doug vê Nicodemos apertando o botão amarelo e, outra vez, o telão brilhando em vermelho.

Doug revira os olhos com desdém.

Pela lógica, agora seria a sua vez. Ajeitou a postura, alongou o tronco, arrumou a camiseta amassada e, já preparando a mão esquerda sobre o botão amarelo, pouco se esforçou para segurar o sorriso cínico.

De tão inquieto, não chegou nem a esperar o velhinho encerrar a pergunta. Mirando os outros quatro participantes, deu um tapa confiante no botão amarelo e logo tornou seus olhos em direção a grande tela que, para seu espanto, acendeu em vermelho.

“Mentiroso!”, reage ele.

Todos ouviram.

Inesperadamente a sua voz havia voltado. O

arrependimento foi imediato, mas era tarde.

A acusação havia explodido de dentro dos pulmões com tamanho volume que ecoou por todas as paredes da arena. Doug não sabia onde pôr a cara. Envergonhado, vagorosamente desce o olhar em direção ao velhinho, com uma vã esperança de que esse não tivesse escutado nada.

Sem chance. O velhinho estava com o corpo virado em sua direção, apontando-lhe com o indicador da mão direita, enquanto, com a outra mão, novamente tapava seus próprios olhos. Nesse exato momento, a visão de Doug é furtada.

Tudo vira noite. Ganhou de volta a fala, mas perdeu a visão.

Ombros baixos pelo peso do vexame, coluna arqueada, pequenos espasmos musculares e receoso, Doug ouve em silêncio a última pergunta feita para Asafe.

Sem enxergar, concluiu o óbvio. Que tudo se repetiu como foi com os demais.

“E agora o que!?” , pensou Doug.

“Espere e verás.” , respondeu o velhinho.

Doug se assustou. Não tinha dito essas palavras em voz alta. Mas todos ouviram. Seus pensamentos ganharam voz. Eram audíveis, ainda que não abrisse a boca para falar. Até os pensamentos

desconexos e disformes estavam sendo convertidos em chiados. Como um rádio velho em busca de sinal.

Que sensação horrível. Levou alguns minutos até conseguir aquietar a mente, diminuindo os ruídos. Sobrou apenas um contínuo som de concentração. Como um gemido constante em baixa frequência, perceptível somente por ele e pelo velhinho.

Então, ouviu o início de uma nova rodada de perguntas.

“Qual é a sua parte?”, diz o velhinho a Zebedeu.

“Sou Zebedeu. Fui separado para trabalhar. Eu era estrangeiro e agora pertença. Minha parte é delinear em cinza um pedaço no grande mapa.”

“Qual é a sua parte?”, pergunta o velhinho para Gabriel.

“Sou Gabriel. Fui separado para trabalhar. Eu era estrangeiro e agora pertença. Minha parte é dizer qual pedaço no grande mapa deve ser delineado de cinza.”

Por conta de não conseguir enxergar, não sabia qual cor estava aparecendo na grande tela e Doug estava concentrando toda sua força em não pensar.

O velhinho seguiu.

“Qual é a sua parte?”

“Sou Nicodemos. Fui separado para trabalhar. Eu era estrangeiro e agora pertencço. Minha parte é dar a ordem para produzirem os pedaços delineados em cinza no grande mapa.”

“Minha vez”, escapa um pensamento. Mas o velhinho, por alguma razão, o pula e pergunta para Asafe: “Qual é a sua parte?”

Doug se esforça para segurar o alívio, mas todos ouvem: “Ufa, ainda bem!”

Então, a resposta de Asafe:

“Sou Asafe. Fui separado para trabalhar. Eu era estrangeiro e agora pertencço. Minha parte é preparar mentalmente todos para executarem bem as suas partes.”

No instante em que Asafe respondeu, de algum modo, a mente de Doug foi tomada. Como peças de um grande quebra-cabeças, antes soltas e espalhadas, alguém estava organizando suas ideias, uma a uma.

O vazio estava ganhando corpo e a confusão ganhava forma. As perguntas e as respostas começaram a fazer sentido em sua cabeça, até que tudo se traduziu em uma frase: “Esses são os da antiga fábrica.”

Nesse exato momento, Doug escuta o velhi-

nho dizendo: “Venha!”

Ainda sem enxergar, Doug sente com os pés o chão vibrando. Em seguida, sente na pele uma pequena brisa que lhe atinge o rosto. A brisa começou mansa, mas logo ganhou intensidade. A força do vento se fez tão forte que passou a empurrar o seu corpo para trás.

Com medo de cair, Doug se segurou firme nas laterais do banquinho. O sopro ganhou ainda mais intensidade, trazendo dificuldade para manter os pés firmes no chão.

Com as mãos já doídas do esforço de manter o corpo fixo ao banquinho, começou a ouvir um turbilhão rasgando os bancos que estavam presos ao chão. Sentia pedaços de madeira voando próximos a sua cabeça. Passavam zunindo perto das orelhas.

Então, uma forte pancada no peito.

A força da batida foi tanta, que, involuntariamente, suas mãos se desagarram do banquinho, lançando-o para longe.

Voando desesperado, com medo de bater em alguma parede ou ponta cortante, Doug começou a gritar angustiadamente: “Salva-me!”, até que, repentinamente, o vendaval cessa.

Seu corpo desacelera.

Conduzido por uma leve brisa, repousa sobre

o que lhe parecia uma cadeira.

Ainda sem enxergar, sentiu a sola dos pés perfeitamente descansada ao chão. A parte de trás dos joelhos milimetricamente encaixada no início do assento. Com a coluna, sentiu o perfeito ângulo e curvatura do encosto.

“Graças! Sei onde estou.”

“Quem bom que você chegou!”

Mesmo sem ver, essa voz era inconfundível.

“Agora, vou explicar o que seus olhos não conseguem ver.”

A visão começa a retornar.

Um raio de bela luz interrompe a escuridão. Um crepúsculo vespertino. Como um belo amanhecer que nasce revelando o que estava oculto, Doug paulatinamente nota o encantador relógio de madeira lisa, com tons que alteravam conforme a luz refletida, os móveis cheios de fluidos detalhes e o velhinho sorrindo, logo ali do outro lado da bela mesa.

“Eu sabia!”

Em meio a mansa gargalhada, o velhinho responde: “Bem-vindo de volta!”

Doug estava muito feliz de voltar ali.

“E agora o que?”, diz ele sorrindo tímido.

“Qual é a cor que você imaginou aparecendo na tela grande quando os outros quatro responderam a última pergunta que eu lhes fiz?”

“Sendo sincero, não tenho ideia”, responde. “Eu estava tão concentrado em não pensar, para não ser ouvido, que não imaginei qual era a cor no telão.”

“Volte então sua mente e responda: qual cor você imagina que tenha aparecido na grande tela quando fiz a última pergunta aos outros quatro?”

“Ok. Me lembro bem das respostas. Ouvi todas. Compreendi também quem eram aqueles a quem você estava perguntando. São esses os que trabalham na grande fábrica. Porém, ainda assim, não consigo dizer qual foi a cor que apareceu.”

“E por que isso?”

“Posso ser sincero?”

“Deve!”

“Até a segunda pergunta, achei que estava compreendendo as coisas. Verde para as respostas certas, vermelho para as respostas erradas. Então, você me perguntou, como aos demais, se alguma parte do meu corpo estava inchada. Respondi corretamente. Apertei o amarelo. Porém, mesmo tendo respondido corretamente, a tela piscou em vermelho, como foi com os outros quatro que mentiram,

já que claramente estavam inchados.”

Doug faz um gesto com as mãos mostrando seu corpo.

“Olha para mim. Não tenho nada inchado. Sendo assim, as cores devem significar algo diferente do que eu estava imaginando até então. Por isso, não consigo responder qual foi a cor que apareceu para todos, depois de responderem a última pergunta.”

“Você está certo de que apertou o botão correto?” segue falando o velhinho.

Doug ficou desconfortável com esse questionamento. O velhinho está de brincadeira? É uma pergunta com alguma armadilha? Ele perguntou certo?

“Sim. Eu acho que apertei o botão correto.”

“Acha?”

“Tenho certeza. Apertei o correto.”

“Se eu afirmar que, de fato, verde é para as respostas corretas e vermelho é para as respostas erradas, você ainda tem certeza de que apertou o botão correto?”

“Certeza sobre o botão que apertei? Sim. Tenho.”

Doug não dava o braço a torcer. Não queria dizer a cor que imaginava ter aparecido para os

outros e não queria admitir que estava pensando que, de algum modo, algo tinha falhado quando foi sua vez. Mas o velhinho o apertou até que Doug foi rendido.

“Eu sei que não há nada inchado em mim. Claramente. Basta olhar. Do mesmo modo, sei que todos eles estavam com alguma parte do corpo inchada. Se verde é correto e vermelho, errado, isso confirma que eles são mentirosos. Então, eu digo que a última cor que apareceu para eles foi o vermelho.”

“Isso se aplica também a você?”

“Isso o que?”

“Bem. O vermelho também apareceu na sua vez. Você também é mentiroso?”

“Não. Não sou. Não sei responder o que aconteceu quando respondi a segunda pergunta. Não sei o porquê de a cor ter sido a vermelha.”

“Então, mesmo sem saber o que e nem o porquê, você decidiu que os outros quatro são mentirosos e, somente na sua vez, a cor estava errada?”

Nesse instante Doug se exaltou.

“Como assim meu? Você estava lá. Você estava vendo tudo. Você está me vendo agora. O porquê da cor aparecer errada eu não sei, mas estava errada.”

Ignorando o estouro, o velhinho segue questionando.

“Era eu quem estava a fazer as perguntas. Você me ouviu dizer que algo estava errado com as cores?”

“Não. Não ouvi.”

“Você acha que eu deveria ter dito algo naquele instante?”

“Sim! Deveria.”

“Por que você acha que me calei?”

“Ah, não sei também. Talvez você não quisesse envergonhar ninguém. Talvez não quisesse sair do que planejou. Talvez...”

Doug já estava irritadíssimo. Mas o velhinho não parou de questionar.

“Mesmo sem entender nada, você prefere chamar a todos de mentirosos a desconfiar de si mesmo. Da mesma forma, me acusas, mas não te passa na cabeça que você tenha apertado o botão errado?”

“Não! Não estou dizendo que você é mentiroso. Mas eu vi com meus olhos bem abertos qual foi o botão que apertei. Como posso ter errado então?”

“Então você confirma que está a me chamar de mentiroso.”

“Não. Não estou te chamando de mentiroso.”

“Não está mesmo?”

“Não!”

“Não está mesmo?”

“Eu já te respondi que não! O que você quer de mim? Eu não estou dizendo que você é mentiroso. Ponto!”

Nesse segundo, Doug se lembrou do pensamento que lhe escapou lá na arena.

Razão e segurança lhe foram tiradas.

Doug estava na mesma posição desde que havia chegado na casa, mas já não se sentia confortável.

O velhinho estava certo. Doug se lembrou que realmente o chamou de mentiroso e, sendo sincero consigo mesmo, o arrependimento naquele momento em que ouviram o seu “mentiroso”, foi por ter sido ouvido, não por ter acusado.

Vendo que as respostas de Doug se esgotaram, o velhinho começou.

“As perguntas foram feitas corretamente. As cores apareceram sem erro.”

Doug já estava ciente que ia levar uma dura. Baixou a cabeça e escutou calado.

“Você mensurou a todos e a tudo conforme o que você viu e ouviu. Mas, vendo, você não percebeu e, ouvindo, você não compreendeu. Eu afirmo.

És inchado, mas seu inchaço não está do lado de fora. Você é dilatado por dentro, pois faz de si mesmo a medida para todas as coisas. Enxerga com os olhos, fala com a boca, mas o coração e a mente não se conhecem. Sim, os outros quatro responderam errado, mas você se nega a reconhecer que errou também. Agora, me responda: quem dentre vocês é o melhor? O que tropeça ou o que faz tropeçar? O que erra ou o que acusa? O cego por não saber, ou o orgulhoso que não quer enxergar? O que não sabe e faz, ou o que sabe e não o faz?”

Não foi preciso mais um suspiro. Doug compreendeu.

“Eu não sou diferente.”

5 GRAPHE



Tendo voltado, Doug não teve tempo hábil para refletir e absorver tudo o que fora revelado a seu respeito. A descoberta de que seus olhos usavam o que viam como fundamento para toda verdade foi primariamente vergonhoso, mas posteriormente surpreendente.

“Como é óbvio. Vejo tanto nessas viagens, mas me escapei de mim mesmo. Confiei em um guia cego e fui meu próprio tropeço. Tanto viajei e ainda desconheço o que está a centímetros de mim. Sem notar que, aquilo que sou, tem poder de alterar o que conluo...”

Doug voltou afobado. Ainda caminhando em direção à cadeira, logo começou a desembuchar todos os seus novos pensamentos e, como sempre, Djes já estava lá sentado, pronto para ouvi-lo com a paciência de sempre.

“Não eram somente eles que não viam. Veja só, quem acabou se lascando fui eu.”, dizia Doug, enquanto botava a mochila sobre a mesa e se assentava na cadeira para conversar.

Mais algumas frases soltas rolam, até que Djes interrompe a sinopse dizendo:

“Qual é a mensagem?”

“Qual é a mensagem?”, repete Doug sem compreender a pergunta.

“Qual é a mensagem?”, repete Djes.

Ainda sem entender, Doug apenas responde com um: “Não sei.”

Então Djes discorre:

“Seus olhos viram o que eu lhes mostrei. Sua mente compreendeu o que para ela eu expliquei. Seus pés andaram pelos caminhos que de antemão preparei. Seu corpo não inchou, pois sou o remédio que o impediu. Qual é a mensagem?”

Doug se esforça para chegar em uma resposta, mas ainda não consegue concluir nada.

“Mensagem para quem?”, desvia ele.

A essas alturas, já havia compreendido que não valia a pena chutar qualquer resposta quando questionado por Djes. Decide apenas admitir que não compreendeu.

Então, Djes diz ainda mais:

“Sou o peso e sou também a força. A sede e a água. O pó e o vento. A luz e a sombra. A montanha e o vale. A semente e a árvore. A comida e o que a serve. Sou a porta e o que entra por ela. Qual é a mensagem?”

“Desculpa Djes. Não sei.”, responde Doug decepcionado consigo mesmo.

Então Djes, piedosamente, diz.

“Agora vá. Descanse.”

Doug realmente estava cansado, mas não conseguia se aquietar. A mente voava.

“A mensagem!?! Qual é a mensagem? Qual é a mensagem?”

Ciente da viagem mental do jovem em busca de uma resposta, Djes toca em seu rosto e, imediatamente, Doug cai em profundo sono.

Então, na manhã seguinte.

“...Doug! Doug! Doug! Acorde. Estou prestes a realizar!”

Doug então acorda do sono profundo e se levanta. Descansado como nunca, veste seu jeans azul, camiseta, tênis brancos e vai até a presença de Djes.

“Bom dia!”, diz ele.

“Bom dia. Bom dia! Dormiu bem?”

“Estranhamente bem.”

“Que ótimo. Está pronto!?”

“Acho que sim. Para onde dessa vez?”

“Logo verás.”

Desta vez, antes de enviar Doug pelo Aeráki, Djes se levanta do seu lugar, vai em direção ao jovem, que já estava de pé com a mochila sobre os ombros, e lhe dá um firme abraço.

— **Que abraço!**

Estando em pé, parecia estar caindo. O corpo tremeu, mas nunca esteve tão firme. A mente, por um instante, experimentou paz que não soube descrever. Um silêncio absoluto na cabeça, mas a alma se alegrou de modo ensurdecedor. Temor e segurança ocuparam o mesmo local, ao mesmo tempo.

— **Que abraço!**

Era hora de ir.

Doug chegou no que parecia ser uma floresta.

“Que lugar lindo!”, disse assim que chegou.

Havia ali duas árvores imensas, cujas copas se misturavam com a vastidão do céu que sombreava seus longos galhos, sobre um cristalino riacho que cortava a floresta ao meio. Havia ainda centenas de árvores menores ao longo da margem, cheias de frutos ao alcance das mãos.

Junto a uma das árvores menores, Doug se esticou um pouco, retirando do meio dos galhos um fruto perfeitamente redondo, de cor roxa. Logo na primeira mordida, a suculência da fruta era tanta que pingava pelos cantos da boca.

“Que delícia.”

Tudo ali era bom.

Terminado de comer, agachou-se para lavar as mãos na água gelada do riacho. Em seguida, decidiu

caminhar junto ao fluxo do riacho, confiante de que chegaria aonde deveria chegar.

Era a primeira viagem que ele não se sentia angustiado ao chegar e não tinha pressa no caminhar. Certamente aquele abraço teve grande influência, mas não era somente isso. O lugar em si, lhe trazia uma sensação boa. De algum modo, era como se a floresta lhe fosse familiar. Estava tão admirado que mal se deu conta do quanto andou. A vista ao redor lhe furtava toda a atenção.

Chegou em um ponto no qual o riacho se dividia em quatro braços menores. Isso lhe trouxe de volta a concentração. Mirando ao redor, poucos metros à frente, junto à margem do primeiro braço do riacho maior, nota um montinho de terra e uma bela casa feita de grandes troncos.

“Será?!” , pensou.

Seguindo em direção à casa, avista uma porta ao lado direito, que estava aberta. Já desconfiado, mas ainda um pouco cético, ao se aproximar, entrou vagarosamente pela porta e, dito e feito, lá estava: uma grande mesa de madeira e, ao redor dela, treze cadeiras semelhantes.

“Eu sabia!”

A casa era, na verdade, um restaurante. Agora que estava ali dentro, conseguia ver todas as áreas.

Ao longo de toda parede lateral, na qual estava a porta dos fundos, tinham armários, uma geladeira, uma pia com duas cubas, espaços com prateleiras cheias de jarros, um grande forno e um relógio que marcava 7 horas.

Um corredor, com mais ou menos uns 2 metros, separava essa mobília de uma imensa bancada. A bancada tinha cerca de 4 metros de comprimento por uns 2 metros de largura. Em cima dessa, estavam alguns utensílios de madeira. Junto a esses utensílios, havia ainda algumas vasilhas de madeira dos mais diversos tamanhos. Do outro lado da bancada, outro corredor do mesmo tamanho separava a bancada da mesa com as treze cadeiras.

Andando pelo recinto, Doug se aproximou da mesa e passou a olhar para fora da janela. De lá, vê a imensa praça, repleta de mesas espalhadas uniformemente pela área.

Todas as mesas estão vazias. Não há ninguém ali.

Para além da praça, Doug avista uma grande árvore. Semelhante às da floresta pela qual havia caminhado a pouco.

Essa árvore estava a uma boa distância, contudo, de dentro do restaurante, conseguiu observar seus doze galhos que se abriam de três em três para

todas as direções. Notou que em cada um dos galhos da grande árvore havia um escrito. Eram doze nomes: Ruben, Simeão, Judá, Zebulão, Isacar, Asher, Neftáli, Efraim, Manassé, Gad, Benjamim e Levi.

Ao terminar de ler os nomes, ouviu a porta de um armário se fechando e, ao virar, se fascina com o que vê. Roupa de trabalho, sandália marrom e um pano limpo sobre os ombros.

Que bela era a sua face vista assim de perto.

Doug não conseguiu descrever nem para si mesmo o que sentia.

“Que loucura!”, disse Doug, um pouco envergonhado.

“Como vai você, Doug?”, pergunta o jovem.

“Caramba. Você sabe meu nome!?!”, reage surpreso. “Estou bem. Como é bom te ver outra vez, poder te conhecer assim de perto.”

“O prazer é todo meu!”

Os dois conversaram por um tempo até que o jovem indica que é momento de iniciar o preparo da comida. Aproximando-se de Doug, lhe dá um abraço firme. A sensação foi exatamente a mesma que teve ao ser abraçado por Djes antes de partir para a viagem.

Sem saber muito como reagir, Doug pergunta:

“Você sabe onde está o banquinho?”

“Dessa vez você não se sentará. Fique atento. Logo saberás o que deves fazer.”

“Ok. Combinado. Vou prestar atenção.”

Assim, Doug permaneceu, de pé, observando entre a mesa e a bancada.

O jovem, que estava no lado oposto, começou a preparar o alimento. Do armário, pegou apenas dois ingredientes. Farinha e sal. Deixou-os sobre a mesa. Em seguida, pegou uma das vasilhas e dirigiu-se ao lado de fora para enchê-la com a água do riacho.

Voltando, espalhou sobre a bancada três porções de farinha e, com ambas as mãos, formou um pequeno amontoado branco. Em seguida, jogou sobre o amontado duas porções de sal. Então, abrindo uma cratera bem no meio do amontoado branco, despejou uma porção da água do riacho e passou a unir os ingredientes.

Com movimentos calmos e contínuos, as mãos afastavam um punhado de farinha para o centro e retornavam trazendo uma porção de água. Ia se formando uma batelada, que foi se unindo e transformando até que não restou mais um grão sequer de ingredientes que estivesse separado.

O jovem então pegou embaixo da bancada,

um cabo de madeira com cerca de 1 metro de comprimento e começou a abrir o bolo de massa até que ela ficasse uniformemente espalhada sobre a bancada. Toda área tinha exatamente a mesma espessura. Pegou depois uma outra vasilha menor sobre a mesa e, com o lado aberto, passou a cortar a massa em moldes redondos. De modo fantástico, aproveitou cada área possível. Não se via desperdício e todas as partes tinham tamanho idêntico.

Tendo finalizado, pegou algumas formas grandes e em cada uma delas colocou o mesmo número de massa.

Doug contou 70 formas, e em cada uma foram postos 7 pedaços.

Após preencher as formas, o jovem botou todas elas em um grande forno. Nesse instante, Doug viu que o relógio estava se aproximando das 8h. Olhou, então, pela janela o lado de fora para ver se alguém já havia chegado e observou que 3 mesas estavam cheias de clientes.

“Que legal! Já temos 12 clientes”, diz empolgado. “Posso levar comida para eles?”

“Não. Fique de olho nos pães que estão no forno. Eu vou receber os clientes.”

O jovem foi então para o lado de fora falar com as pessoas que estavam sentadas nas três mesas.

Doug, observando atento para o forno, não acompanhou o jovem entrando com os 12.

Esses foram convidados para comer do lado de dentro do restaurante. Quando notou, o pessoal já estava entrando e tomando lugar na grande mesa de madeira.

Animado, agora que o jovem estava novamente cuidado dos pães no forno, Doug foi se apresentar para cada um dos 12.

“Oi Oi! Que legal que vocês vieram. Meu nome é Doug. Não sou daqui, mas vim conhecer o restaurante”, falou por alguns segundos e então perguntou o nome de cada um dos doze, que responderam:

“Prazer. Me chamo Pedro”

“Prazer. Me chamo Tiago”

“Prazer. Me chamo Matias”

“Prazer. Me chamo...”

De um em um, os doze se apresentaram, até que o barulho do forno indicou que os pães estavam prontos.

Eram 8h.

“Posso servi-los?”, pergunta Doug novamente.

“Ainda não. Continue atento! Logo saberás o que fazer.”

Então o jovem tirou todos os pães das 70 formas e os botou em um grande jarro de barro. Do jarro serviu um pão para cada um dos doze que estavam ali, em seguida sentou-se com eles e comeram juntos.

Comeram e conversaram por um tempo. Depois de se fartarem, o jovem se levanta, vai em direção ao jarro, no qual estava todos os outros pães, retirando mais um pedaço para cada um dos que cearam com ele. Cada um, tendo recebido outro pedaço, levantou-se e, saindo pela porta da frente do restaurante, todos partiram, sem que Doug pudesse observar para onde foram.

Um momento se passou e Doug, observando pela janela, vê Filipe, um dos doze, retornando com outras duas pessoas. Chegando ao restaurante, Filipe convida-as para se sentarem em uma das mesas próximas à entrada, bem em frente ao restaurante.

O jovem então pega do grande jarro de barro três pães e leva-os a Filipe, que havia se sentado com os novos convidados para comer também com esses.

Mais um tempo passa. Ainda observando pela janela, Doug avista de longe outro dos doze retornando. Esse, semelhantemente, trouxe novos convidados.

“Uhu! Que legal.”

Doug ficava cada vez mais empolgado com tudo o que estava presenciando.

Assim se seguiu. Não levou muito tempo para que cada um dos doze primeiros, retornasse com novos convidados e, na medida em que regressavam, o jovem seguia servindo a todos do mesmo modo. Pegava do grande jarro um pedaço de pão para cada um dos doze, um pedaço de pão para cada um dos convidados e todos se sentavam juntos, repartindo o dom que receberam.

— **Repetiam exatamente o que o jovem havia feito com eles.**

Ah, que desespero. Doug estava extremamente inquieto. Queria trabalhar. Contudo, toda vez que perguntava ao jovem se “agora já é hora de ajudar?” recebia a mesma resposta: “Espere, logo saberás o que fazer.”

Então, um bom tempo passou. Agora, os que convidavam eram outros. A praça seguia se enchendo com novas pessoas, ainda assim, nunca faltava pão. Havia comida para todos.

Certo momento o jovem se aproxima de Doug, que estava concentrado olhando para fora.

“Agora me vou, mas logo volto. Deixo meu jarro para que alimentem a todos com a boa comida que preparei. Não estarão a sós, porém, não me

verão até que chegue o momento. É necessário que eu vá. Enviarei meu conselheiro, então vocês não estarão a sós. Esse não falará de si mesmo, dirá apenas o que ouvir e lhes dirá o que está por vir. Quanto a você, permaneça em obediência. Fique atento! Sabe-rás.”

— **E Doug prestou extrema atenção!**

O jarro seguiu cheio do pão que nunca se acaba. Antes que o jovem se fosse, deixou sua autoridade aos que testemunhavam. Esses agora tinham livre acesso aos pães.

Assim foi por um tempo. Fielmente os que convidavam chegavam com novas pessoas e as convidavam para se assentarem nas mesas. Então, entravam no restaurante e, pegando do jarro a exata quantidade de pães necessária para servir a todos, voltavam para comer com esses que aceitaram o convite.

Certa vez, um dos que testemunhavam, retornou com muitas pessoas. Encheu cinco mesas só com os seus convidados. Depois de garantir que todos estavam devidamente assentados, como de costume, entrou no restaurante para pegar do grande jarro os pães com os quais serviria os convidados. Porém, dessa vez tudo mudou.

Esse que entrou, ao invés de pegar os pães

prontos, andou em direção às prateleiras, que ficavam do outro lado da grande bancada, e de um dos armários pegou farinha e sal. Deixando os dois ingredientes sobre a mesa, com uma das vasilhas vazias que estavam ali, pegou uma porção de água da torneira.

Doug se aproximou desse e falou:

“Oi, oi, tudo bem? Viu, não é preciso fazer mais pão. O grande jarro segue cheio. É só pegar o tanto que você precisa e servir os seus convidados.”

“Saia daqui garoto!”, replicou imediatamente. “Há tempos tenho visto você parado sem fazer nada. Acaso foi você que trouxe todas essas pessoas novas?”, disse olhando para as mesas cheias com seus convidados.

Essas palavras atingiram Doug com dureza. Ele, que por tanto tempo ficou a questionar se podia ajudar, estava apenas obedecendo ao que o jovem o havia ordenado. Usar sua obediência para acusá-lo, lhe atingiu o fundo da alma e envenenou seu espírito.

“Ok. Faça o que quiser.”, respondeu Doug

Então, esse começou a preparar novos pães.

Jogando sobre a mesa uma porção de farinha sem a ajuntar em um monte, logo derramou sobre ela duas porções de água. Rapidamente, o líquido

encontrou saída, escorrendo pelas laterais. Para impedir que a água escapasse, jogou mais trigo sobre ela, estancando o vazamento.

Passou então a unir os ingredientes, mas esses não estava dando liga. Estando a massa muito seca, derramava mais água. Estando ela muito líquida, jogava mais trigo.

Levou um tempo até que conseguiu unir tudo em um volume só. Então, sobre esse volume, jogou uma porção de sal e, sem o misturar, logo passou a abrir a massa. Esticava, e ela se contorcia. Esticava novamente, mas ela, outra vez, se contraía.

Sem paciência e preocupado com o que seus convidados pensariam dele, satisfeito com uma pequena parte da massa aberta, pegou novas vasilhas e com a parte aberta cortou alguns pedaços, jogando fora o que sobrou.

Encheu duas formas. Uma com quatro pedaços, outra com nove. Em seguida, colocou as formas no forno e saiu do restaurante para conversar com seus convidados.

O forno apitou. Os pães estavam prontos.

Quando voltou para pegá-los, Doug não se segurou. Já não havia gostado do que esse tinha lido e, agora, observando que tudo o que havia sido feito, havia sido feito errado, pouco se importou.

“Meu, você não pode servir isso para seus convidados. Você fez tudo errado. Errou nas medidas, errou nas quantidades, errou nos formatos, errou no tempo... Como você tem coragem de servir esses pães para que comam?”

“E quem é você para medir as coisas? O que você sabe sobre fazer pães?”, retrucou.

“Fazer pães? Eu não preciso fazer pães. Os pães estão feitos. Você só precisa ir ali, pegar e entregá-los para seus convidados, depois se sentar para comer com eles.”

“Ha ha ha ha”, o padeiro amador soltou uma gargalhada.

“Não precisa fazer os pães?! Devo deixá-los passando fome? Acaso você acha que vou servir pão antigo? Imagina só o que iriam pensar de mim se eu servisse esse pão antigo!”

“O que irão pensar? Pensar de você? Que diferença faz? Você não é o padeiro, tampouco eles chegam até aqui por sua causa...”

“Cale-se.”, interrompe ele

“Você acha que sabe mais do que eu? Você é só um moleque ansioso. Nada construiu para que tivesse moral. Jamais te escutariam e eu também não lhe darei ouvidos. Agora, deixe-me trabalhar, pois os convidados estão com fome. É com eles que me

importo.”

Doug quase explodiu. Mas, depois de certo tempo, desistiu de retrucar. Apenas pensou consigo mesmo: “você diz que se importa com eles, contudo, se importa somente consigo mesmo. Espero que falhe em tudo o que fizer!”

Nesse instante, Doug ouviu com o coração uma voz que lhe dizendo:

“Lembre-se! Não se deixe inchar por dentro outra vez. Espere mais um pouco. Tenha calma, pois ainda não é hora. Sou eu quem fará.”

Doug se aquieta e segue apenas observando.

Outros mais passam a entrar no restaurante e, semelhantemente, ignoram o grande jarro. Vão direto para o armário em busca dos ingredientes para fazerem seus próprios pães. Muitos desses que chegavam com a intenção de servir aos seus, criaram sua própria receita.

Eis o que Doug observou:

Uns entravam e saíam do restaurante dizendo: “Meus pães são ótimos. Vou ensinar minha receita aos meus convidados. Serei aquele que capacita novos líderes que no futuro trarão tantos outros e os alimentarão com o que lhes ministrei.”

De fato, esses ensinaram suas próprias receitas e enviaram segundo seus próprios planos. Con-

tudo, aqueles que eram ensinados e enviados, não sabiam servir, tampouco conheciam o que estava sendo servido, pois os que lhes doutrinaram o fizeram pensando em si mesmos. Deste modo, restava a esses pobres convidados testemunharem a respeito daqueles que os despachavam e servir a receita falsa que lhes foi confiada.

Outros, entravam e saíam do restaurante cantando: “Oh! Quão delicioso, perfeito e profundo é esse pão que sirvo.”

Quando atendiam os novos convidados, diziam sempre junto a um melódico som de piano: “Não sei quando foi a última vez que vocês comeram pão, mas afirmo que jamais conheceram pão tão belo. Cheguem vocês todos que estão sofrendo. Cheguem vocês todos que estão acabados. Cheguem a mim, que vivo em profundo êxtase. Ouçam meu som. Escutem a minha voz. Vou guiá-los nessa maravilhosa experiência que é comer a comida que preparei.”

Esses ofereciam comida, mas eles mesmos estavam claramente morrendo de fome.

“Quando o som terrível dessa música idiota cessar, ouvirão o barulho do próprio estômago.”, pensou Doug.

Havia ainda outros que, menos burros, mas

igualmente cegos, lembravam dos pães no grande jarro. Esses entravam e saíam do restaurante proferindo com orgulho: “Esse pão é tremendamente especial. Ah, como é bom poder pegar mais um pedaço para mim. Que comam apenas aqueles que o desejam profundamente. Direi a meus convidados quem são aqueles para quem podem servi-lo.”

Esses pegavam o pão do lugar certo, mas pegavam em desmedida. Do mesmo modo, serviam conforme a dose dos próprios olhos, de acordo com os anseios do próprio coração. Assim, aquilo que era destinado a produzir vida, na verdade, produziu morte. Esses serviam a si mesmos.

Por último, aqueles que, com preguiça de pôr a mão na massa, começaram a se especializar nos ingredientes. Esses viviam a buscar a explicação para cada detalhe do jarro, dos pães, do restaurante, das mesas, dos 12 primeiros.

A cada novo dia sua fidelidade era decifrar cada detalhe da matéria prima usada. Estudar o formato de cada utensílio. Analisar cada centímetro do balcão. Tudo o que pudessem fazer para crescer em conhecimento.

Esses serão responsabilizados. Criaram tantas outras possibilidades de receitas e, empossando-se dos recursos do restaurante, passaram a decidir

quem poderia e quem não poderia se servir. Tiram ou acrescentam ingredientes de acordo com suas medidas e objetivos pessoais. Vivem somente entre os seus semelhantes e pulverizam a verdade, envenenando quem os ouve. Esses testemunhavam a respeito de si mesmo.

— **Para esses Doug falará!**

Doug estava verdadeiramente pasmo observando toda loucura. Já não havia resquícios da receita original em nenhum dos pães que eram servidos aos convidados. Conforme o tempo passava, as mesmas desmedidas e alterações se repetiam.

Então, Doug começou a perceber que aqueles que ensinavam estavam ficando com as mãos inchadas. Aqueles que eram ensinados estavam ficando com as pernas inchadas. Aqueles que cantarolavam estavam ficando com a boca inchada. Aqueles que serviam a si mesmos e os que acumulavam conhecimento estavam ficando com a cabeça enorme.

Todos estavam cansados, com medo de serem frágeis. Andavam prestes a explodir. Viviam, mas estavam mortos. Ninguém enxergava que estava se servindo de veneno, tampouco que servia o mesmo veneno para os outros.

— **Ninguém mais reconhecia a voz do conselheiro.**

Então, Doug voltou sua atenção para a praça, e o que viu foi terrível.

Eis o que observou:

Imenso caos.

Absolutamente todos na praça se odiavam. Estão morrendo, pois vivem somente para si. Vivem para si, mas não alcançam nada e vivem assim, pois é isso que lhes foi servido.

Tanto os de dentro quanto os de fora não tinham mais a capacidade de se arrepender. De algum modo, não relacionavam as próprias partes inchadas com as suas decisões pessoais. Todos culpavam outros. Não havia mais diferença. Já não se ouvia falar de novos convidados. Não se ouvia mais falar sobre a verdadeira receita.

Ninguém estava ouvindo o triste e assustador choro daquele que aconselha. Uns tinham poder, uns tinham dinheiro, uns tinham prazer.

Ninguém enxergava a si mesmo. Todos esqueceram da sua própria aparência. As pessoas já não faziam nada além de se apaixonar, gastar e matar. Durante três dias estava autorizado a liberdade.

Tudo era perfeito, até que tudo virou um vício. Mas ainda assim, não se via arrependimento.

Quando o caos e o ódio alcançaram o limite predestinado, Doug vê o jovem retornando pela

porta, aos fundos do restaurante. Esse veio segurando em sua mão esquerda um balde cheio com a água do riacho e caminhando em direção ao armário ao lado da cuba e, com a mão direita, alcança um rodo.

Então, o jovem olha para Doug e lhe diz:

“É chegada a minha hora. Agora você trabalhará. Eu me vou, mas seguirei com você. Até que também chegue a sua hora. Ai, então, nos veremos outra vez.”

“Não! Não! Não vá lá fora. Tudo está um caos. Eles te odeiam. Acusam o restaurante de servir comida estragada. Te culpam pelo veneno que outros serviram.”

Sorrindo, o jovem responde:

“É por isso mesmo que eu vou.”

Doug não compreendeu por qual motivo o jovem iria renunciar a tudo o que era seu, para ir limpar a sujeira dos que não o querem conhecer.

“Eles te esqueceram. Falavam em teu nome, mas serviram a própria comida que fizeram.”

O jovem, calmo, olha uma última vez para dentro dos olhos de Doug e diz:

“Se eu não for, que sentido há em manter o jarro cheio de pão fresco? Se eu não for, como sentiriam falta daquilo que não conheceram? E como

desejariam o que nunca ouviram?”

Sem resposta, Doug observa o jovem saindo pela porta da frente do restaurante em direção à praça. Doug então virou o rosto para o outro lado. Não queria assistir essa cena de perto. Mas, antes que tudo acontecesse, o chão sobre seus pés sumiu e o teto sobre sua cabeça desapareceu. Imediatamente, Doug começou a despencar em queda livre.

Seu corpo pesava como se estivesse no ponto mais fundo do oceano, mas estava caindo no vazio. A velocidade era tanta que não conseguia respirar nem manter os olhos fechados. Lágrimas e baba escorriam contra a gravidade, até que uma tremenda mão cessa repentinamente a queda.

“Lá está a cadeira!”

Ah, como amava voltar. Para ele, esse sempre foi o momento mais legal das viagens. O instante em que retornava e via mais uma vez aquela cadeira.



6

SPECULO

“Qual é a mensagem?”, perguntou novamente Djes.

“Eu entendi!”, respondeu Doug, feliz por finalmente ter uma resposta.

“No instante em que o jovem saiu por aquela porta, eu entendi.”

Doug finalmente recebeu discernimento a respeito das coisas que tem presenciado.

“Você é o peso e é também a força. És a sede e a água. O pó e o vento. A luz e a sombra. A montanha e o vale. A semente e a árvore. A comida e o que a serve. Você é a porta e o que saiu por ela. Você é a mensagem!”

Doug ainda estava aflito com as coisas que observou na última viagem, o que certamente não era novidade. Contudo, dessa vez não se sentia derrotado. Obviamente, ainda tinha muitas dúvidas em mente, mas não se sentia mais desesperado.

Finalmente compreendeu a tarefa que lhe foi dada. Isso lhe deu bom ânimo. Agora que conheceu a mensagem, não se sentia impulsionado a fazer tantas perguntas. Creu que Djes sabe de tudo.

Percebeu também que tudo era muito mais profundo do que havia imaginado até então. Quando compreendeu isso, ficou com vergonha da carta que havia enviado para Sídero.

Não que tivesse escrito nela mentiras, mas o conteúdo nela era ele mesmo.

“Vai ver por isso não me responderam.”, pensou ele.

Desta vez, Doug queria voltar logo para Sídero. Não somente para corrigir a mensagem que havia lhes enviado anteriormente, mas, principalmente, para tratar com aqueles que cegamente estavam instruindo outros a produzirem tantas peças que tem levado a cidade e sua população à morte.

“Já não basta avisar para que parem a produção. É preciso que relembrem a diferença que há entre metal e madeira. É preciso que entendam o que eles têm alterado. Eu mesmo demorei, mas agora compreendo. Não via, mas agora vejo e, agora que vejo, sou responsável pela mensagem que me foi confiada. Estão cegos, como eu era. Guiam, mesmo sem enxergar os próprios passos.”, desabafa Doug.

Então, Djes passa a falar:

“Você tem razão no que diz. Estão preocupados em produzir, mas não enxergam o que estão construindo. Já não fazem por obediência, apenas porque se propuseram a fazer e o fazem na esperança de serem aceitos por meio do que produzem, sem notar que o que fazem testemunha contra eles mesmos. Servem somente a si, alimentando o próprio

monstro que os consome. Querem liberdade, mas perseguem a escravidão. No passado, deixei que andassem pelos próprios caminhos, e eles se perderam. Agora os buscarei de volta. Eu os curarei e os chamarei de volta para a direção que planejei. Sozinhas elas não passaram pela porta, pois desconhecem as próprias medidas. A mente deles está coberta com um véu, por isso já não compreendem. Porém, o véu pode ser tirado. Onde a mensagem estiver, lá haverá liberdade, e é para a liberdade que os estou chamando. Esqueceram-se, mas a mensagem lhes será revelada outra vez, como de fato ela é.”

Doug ficou contente em perceber que, dessa vez, seu coração estava alinhado com o coração de Djes. Contudo, o pobre coitado não fazia ideia do que estava por vir.

Compreendeu a mensagem, mas viria a descobrir que ela não é estática. A mensagem é viva, segue livremente em direção ao outro e fere, tanto aquele que a recebe, quanto aquele que a leva.

Doug tinha verdadeiro desejo e genuína empolgação de caminhar junto a ela, mas o que viria a descobrir é que, quem a recebe, a recebe de graça, mas aquele que a leva, paga seu preço.

Doug descobriria que o peso é leve, mas a caminhada é dura.

Então, Djes ordena:

“Agora vá. Fale sobre as coisas que lhe mostrei até aqui. Quero que escreva nova carta, desta vez, faça três cópias idênticas e as leve junto na mochila.”

Assim Doug fez:

Aos líderes de Sídero,

Admito estar com receio de escrever a carta que segue. Não por conta de qualquer dúvida a respeito do conteúdo, tampouco por qualquer repercussão negativa, mas sim pela empolgação/suspeita que eu mesmo acuso em meu coração.

Vocês ignoraram minha primeira carta e, por mais que tudo tenha acontecido como lhes foi dito, aquela carta era pessoal. A mensagem naquela carta era eu. Portanto, de nada ela serve.

Eu era cego, mas agora vejo. Surdo, mas agora ouço.

Voltem para a mensagem original. Parem de viver para si mesmos, como eu assim o fiz. Andei nos caminhos que vocês têm trilhado e, andando por ele, no fim, encontrei solidão.

Não escrevo mais acusando vocês, mas a mensagem que lhes chega é dura e verdadeira.

A mensagem não discute os seus e nem os meus erros. Esses são fatos. Mas ela quer abrir seus olhos, revelando-os, e isso não é castigo, é descanso.

Vocês deram ouvidos a mentiras e têm espalhado a ferrugem que lhes foi servida. Vivendo para si, vocês estão matando lentamente a cidade e os que vivem nela, mas a mensagem os buscará da escuridão e...!”

Doug seguiu traçando mais algumas linhas até que terminou. Fez então outras três cópias, selou cada uma delas em um envelope e voltou ao encontro de Djes.

“Terminei.”, disse ele.

“Ótimo! Agora arrume-se. É chegado o tempo de trabalhar.”

“Trabalhar? O que devo fazer?”

“Volte a Sídero. Dessa vez você ficará um bom tempo por lá. Quando chegar lá, entregue uma cópia para cada uma das pessoas cujos nomes estão no envelope.”

“Nomes no envelope? Não tinha entendido que eram nominais. Acabei selando as cartas sem anotar nome algum.”

Doug estava um pouco confuso. Estava tentando lembrar se não havia ouvido Djes falar os nomes que deveria ter escrito nas cartas ou se Djes realmente não mencionou nome algum.

Então, ainda segurando as cartas em sua mão, por algum motivo levantou o braço e, nesse instante, notou que em cada um dos envelopes estava escrito um nome diferente.

Então, Djes ordena:

“Entregue uma para cada um dos dois que brigaram. Uma para o casal e, a última, deixe com aquela que seguirá.”

Doug não compreendeu absolutamente nada. Mas a essas alturas tinha certeza de que saberia quem são essas pessoas, no momento correto.

Era hora!

“Agora vá, e diga ao povo de Sídero que a cidade cairá sobre eles, mas que eles cairão sobre minha boa mão. Eu os derrubarei, mas não os deixarei caídos.”

Essas palavras deixaram Doug cauteloso. Conhecendo bem o povo, sabia que não seria tão simples como chegar e simplesmente repeti-las.

Tendo arrumado tudo o que levaria. Mochila arrumada, jeans azul, camiseta branca e seu tênis fa-

vorito, Doug estava pronto para partir, mas decidiu que, antes de ir, mataria a sua curiosidade.

“Djes.”

“Diga, meu caro”

“Posso fazer uma pergunta?”

“Sim, claro.”, responde sorrindo.

“Como é que se faz um cego enxergar?”

“É muito simples. Com um espelho!”

Nesse instante, o Aeráki se abriu e lá se foi Doug em direção ao que seria sua maior e última viagem.



Produzido por MeetEliah
Curitiba, 2023 - 2024

Elaborado por Diego Weingaertner / π 2

Ilustrações, design e diagramação por
Eduarda Trelha